

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 24 • 2018

VOLUME COMEMORATIVO DO XXX ANIVERSÁRIO
DO CENTRO DE ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DO CONCELHO DE OEIRAS
1988-2018



Editor Científico: João Luís Cardoso

CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS
2018

**O ESTUDO DO PALEOLÍTICO SUPERIOR E DO MESOLÍTICO EM PORTUGAL:
UMA PERSPECTIVA HISTORIOGRÁFICA**

***THE STUDY OF UPPER PALAEOOLITHIC AND MESOLITHIC IN PORTUGAL:
A HISTORIOGRAPHIC PERSPECTIVE***

Nuno Bicho¹ & João Luís Cardoso²

Abstract

The scientific study of the Upper Palaeolithic, Epipaleolithic and Mesolithic hunter-gatherers in Portugal has its roots in the mid-19th century. The 2nd Geological Commission, created by a decree of the queen D. Maria II (1857), played a fundamental role in the study of this period and in the recognition of the first Palaeolithic and Mesolithic deposits. This Institution, with brilliant elements such as Pereira da Costa, Carlos Ribeiro, Nery Delgado, have allowed the implementation of Prehistory and Archeological studies and brought worldwide recognition to the deposits such as the caves of the Casa da Moura and Furninha or the Muge Mesolithic shellmiddens.

With the 20th century, the work of scientific research on hunter-gatherers was centered mainly on the Universities of Porto and Lisbon, the National Museum of Archeology and the Geological Service, developing work predominantly on the Atlantic coast and in the valleys of the great rivers Portuguese. The research in Africa with Mendes Corrêa and Santos Júnior through the Anthropological Missions of *Estado Novo* in the 1930's must also be mentioned.

In the last quarter of the century. Upper Palaeolithic and Mesolithic research was a major development not only in the interest of some, unfortunately scarce, Portuguese university students, but also by foreigner experts.

Since the last decade of the millennium, the number of doctorates and Portuguese experts in these periods has greatly grown with the implementation of university studies in the Universities of Lisbon and Algarve, from which there has been a continued development of the study of the Upper Palaeolithic, Epipaleolithic, and Mesolithic in Portugal.

Keywords: Upper Palaeolithic, Mesolithic, Portugal, Historiography.

¹ ICArEHB. FCHS, Universidade do Algarve. Campus de Gambelas. 8005-139 Faro. nbicho@ualg.pt

² Universidade Aberta (Lisboa); Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras). ICArEHB. cardoso18@netvisao.pt

1 - INTRODUÇÃO

Os trabalhos de Carlos Ribeiro nas ribeiras de Magos e de Muge onde, em Abril de 1863, identificou alguns dos concheiros que depois viriam a tornar-se célebres, (CARDOSO, 2013 a, 2013 b, 2015 a, 2015 b, 2015 c, 2015 d), por via das escavações realizadas em 1864 no concheiro do Cabeço da Arruda, inauguraram os estudos pré-históricos em Portugal. Os resultados obtidos, publicados logo no ano seguinte pelo outro membro co-director da Comissão Geológica de Portugal, constituíram a primeira monografia peninsular sobre uma estação daquela época (COSTA, 1865). Naquele mesmo ano, Joaquim Filipe Nery Delgado, adjunto da referida Comissão, procedeu às primeiras escavações na gruta da Casa da Moura, que prontamente publicou. A respectiva memória constitui também a primeira publicação peninsular sobre uma gruta com ocupação pré-histórica (DELGADO, 1867). O mesmo autor procedeu a escavações, naquele mesmo ano de 1865, na gruta da Furninha (CARDOSO, 2015 b; BICHO & CARDOSO, 2010; DELGADO, 1884). Estes trabalhos, que acompanharam de perto os primeiros trabalhos de reconhecimento geológico do país, tinham como objectivo principal a identificação dos mais recuados vestígios da presença humana em solo português, acompanhando o movimento que, desde cerca de um quarto de século se vinha observando pela Europa além-Pirenéus. Entretanto, tais trabalhos rapidamente ganharam o reconhecimento internacional, acompanhando os desenvolvimentos daquele movimento. Tal é a conclusão da publicação em revistas internacionais daqueles resultados (RIBEIRO, 1873; DELGADO, 1880), que renunciou a realização da IX Sessão do Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Pré-históricas, celebrado em 1880 em Lisboa, em grande parte justificada pela discussão in loco das evidências da presença do Homem terciário em solo português (CARDOSO, 1999-2000 a).

Hoje, a investigação sobre o Paleolítico Superior e o Mesolítico português é reconhecida internacionalmente, com impactos significativos a vários níveis da construção científica arqueológica mundial.

O presente estudo foca os cerca de 150 anos de historiografia arqueológica do Paleolítico Superior e Mesolítico, através da apresentação de uma proposta de desenvolvimento em quatro fases principais, adiante caracterizadas em detalhe.

De várias personalidades da arqueologia portuguesa – como Carlos Ribeiro (CARDOSO, 1999-2000 a; 2013 a; 2013 b 2015 a; 2015 b; 2015 c), Nery Delgado (ZILHÃO, 1993; CARDOSO, 2008 a), Henri Breuil (CARDOSO, 2016; RAPOSO, 1993), Mendes Corrêa (ABRUNHOSA, 2015; CARDOSO, 1999; 2010-2011), Manuel Heleno (CARDOSO, 2013), Abel Viana (CARDOSO, 2001-2002 a; CARDOSO, 2014), Georges Zbyszewski (CARDOSO, 1999-2000 b) e Veiga Ferreira (CARDOSO, 2008 b; 2008 c) – foram já apresentados estudos detalhados que permitem uma apreciação rigorosa da sua actividade arqueológica, bem como das condicionantes que a enformaram, pelo que neste ensaio não repetirão considerações e conclusões então apresentadas, limitando-se os autores a remeter para as mesmas os leitores mais interessados.

2 - AS ORIGENS DA ARQUEOLOGIA PALEOLÍTICA E MESOLÍTICA PORTUGUESA E A 2.^a COMISSÃO GEOLÓGICA DE PORTUGAL

A 8 de Agosto de 1857 (*Diário do Governo*, n.º 207, de 3.09.1857, p. 1168-1169) foi criada a 2.^a Comissão dos Trabalhos Geológicos de Portugal. Esta comissão, ao contrário do que sucedera com a sua antecessora, começou imediatamente a laborar, integrando nas suas actividades trabalhos de Arqueologia Pré-Histórica, através dos seus dois membros co-directores, Carlos Ribeiro e Pereira da Costa, bem como do adjunto de ambos, Joaquim Filipe Nery Delgado (CARDOSO, 2015 b).

No âmbito da prospecção e reconhecimento das formações geológicas do vale do Tejo, e dos seus afluentes mais importantes, Carlos Ribeiro localizou os primeiros concheiros mesolíticos da ribeira de Muge, Moita do Sebastião e Cabeço da Arruda, a 13 de Abril de 1863 (CARDOSO, 2013 a, 2013 b 2015 a, 2015 b). Os primeiros trabalhos de escavação, realizados em 1864, proporcionaram restos humanos estudados pelo seu colega da Comissão Francisco Pereira da Costa (COSTA, 1865); porém, o único trabalho de Carlos Ribeiro sobre as suas importantes descobertas, em resultado dos trabalhos de campo que veio a realizar ulteriormente, em 1879, foram já publicados postumamente (RIBEIRO, 1884), respeitantes à comunicação que efectuou no Congresso de 1880.

Também a título póstumo foi a publicação dos resultados das escavações conduzidas em Junho de 1884 e de 1885 por Francisco de Paula e Oliveira, membro da Comissão dos Trabalhos Geológicos de Portugal, por incumbência de Nery Delgado, nos concheiros de Moita do Sebastião, Cabeço da Arruda e Cabeço da Amoreira (OLIVEIRA, 1888-1889). O autor conclui, acertadamente que a idade destes montículos artificiais se situaria numa época intermédia entre o Paleolítico e o Neolítico, respondendo assim a uma das questões colocadas previamente para discussão no Congresso de Lisboa (ver actas, 1880, p. XI).

O mesmo autor ocupou-se do estudo craniométrico das correspondentes populações, tendo verificado que a maioria dos exemplares era claramente doliocéfalos embora ocorressem raros exemplares braquicéfalos. Ainda que evidenciando assinalável variabilidade, o autor sublinha que muitos dos caracteres são recorrentes em exemplares neolíticos assumindo esta observação evidente interesse, até por ter sido ulteriormente ignorada (OLIVEIRA, 1884, p. 295).

Por seu turno, as origens do estudo do Paleolítico Superior tiveram lugar, também no âmbito da 2.^a Comissão Geológica, com a escavação da gruta da Casa da Moura por Nery Delgado. A campanha ali realizada em 1865 deu lugar à notável memória publicada pelo escavador em 1867 (DELGADO, 1867). Este trabalho merece hoje destaque sobretudo pelas características metodológicas da própria escavação, já devidamente assinaladas (ZILHÃO, 1997, CARDOSO, 2008 a), mas também pela possibilidade de se atribuir ao Paleolítico Superior um crânio quase completo encontrado na base do depósito neolítico, mas em contacto com o depósito subjacente, de idade plistocénica. No entanto, não há qualquer menção na memória de Nery Delgado a artefactos líticos de época paleolítica, o que se explica facilmente pelo facto de, à época, tais estudos ainda estarem nos seus primórdios. As escavações realizadas ulteriormente por Nery Delgado produziram espólios conservados no Museu Geológico do LNEG. Presentemente, a identificação de várias ocupações do paleolítico Superior na cavidade encontra-se bem demonstrada, como adiante se verá.

Os trabalhos de Nery Delgado relacionados com o Paleolítico não se limitaram à Gruta da Casa da Moura. Em 1879, a escavação sistemática da Gruta da Furninha, permitiu a recolha de diversas folhas bifaciais solutrenses, por ele reproduzidas (DELGADO, 1884, Pl. IV, n.ºs 24, 27, 35), mas que só ulteriormente foram reconhecidas como tal (BREUIL & ZBYSZEWSKI, 1942), a par de outras produções líticas do Paleolítico Superior então inventariadas, que documentam a ocupação humana da cavidade em outras épocas da cavidade no decurso do Paleolítico Superior. Esta realidade foi confirmada e precisada recentemente, através do estudo exaustivo desse conjunto lítico, a que se juntou uma ponta de zagaia, de osso, ainda não reconhecida anteriormente (BICHO e CARDOSO, 2010).

Delgado interessou-se igualmente pelo estudo das faunas plistocénicas de grandes e médios mamíferos recolhidas na gruta. Tendo contudo dúvidas na classificação de certos táxones, recorreu, primeiro, a Albert Gaudry, para o ajudar na identificação das espécies de Hiena presentes, tendo depois solicitado a contribuição de Edouard Harlé, de que resultou a publicação geral sobre as faunas até então reconhecidas em contextos plistocénicos portugueses (HARLÉ, 1909; HARLÉ, 1910-1911).

3 – O PALEOLÍTICO SUPERIOR E O MESOLÍTICO PORTUGUÊS E O IMPACTO DA ARQUEOLOGIA FRANCÓFONA (1916-1980)

O já então eminente pré-historiador francês Padre Henri Breuil visitou pela primeira vez Portugal em 1916, para reconhecimento de arte rupestre pré-histórica na zona de Arronches. Retornou dois anos mais tarde a Lisboa (CARDOSO, 2016), tendo então confirmado a existência de materiais paleolíticos tanto em museus, como no campo, alguns deles reportáveis claramente ao Paleolítico Superior. Estão neste caso alguns fragmentos de zagaia recolhidos por Nery Delgado na gruta da Casa da Moura, os primeiros exemplares deste género identificados em Portugal e que Henri Breuil considerou “d’aspect magdalénien ancien”, a par de algumas produções líticas que lhe pareceram igualmente magdalenenses (BREUIL, 1918, Figs. 5 e 6).

A terceira viagem de Henri Breuil a Portugal, em plena 2.^a Guerra Mundial, desenrolou-se entre Abril de 1941 e Novembro de 1942 (CARDOSO & PENALVA, 1978). Mercê das condições postas à sua disposição, o labor então desenvolvido, de forma concentrada no tempo, foi decisivo para o progresso dos conhecimentos do estudo das praias quaternárias do litoral português, a par dos terraços fluviais do vale do Baixo Tejo. Para tais resultados, revelou-se essencial o trabalho do geólogo francês de origem russa Georges Zbyszewski, que tinha sido contratado pelos Serviços Geológicos de Portugal em 1940 e que contribuiu ao longo da sua estada no nosso País para o conhecimento da geologia do Quaternário e das indústrias correlativas como mais ninguém até ao presente (CARDOSO, 1997, 1999-2000 b). A sua colaboração diária com Breuil, conferiu-lhe a necessária segurança na interpretação das realidades geo-arqueológicas existentes no território português e até então totalmente desconhecidas de todos. No campo das indústrias que nos interessam, a contribuição de ambos foi, contudo, de menor expressão, face à monumentalidade do trabalho desenvolvido no domínio do Paleolítico Inferior e Médio, corporizado pelo estudo dos depósitos quaternários e das estações paleolíticas correlativas tanto no litoral estremenho, como nas duas margens do antigo estuário do Tejo (BREUIL & ZBYSZEWSKI, 1942, 1945).

O labor de ambos, nos anos de 1941-1942, incluiu também o estudo sistemático das indústrias do litoral minhoto, especialmente no respeitante ao conjunto recolhido em Carreço, cujo significado foi preliminarmente discutido por ambos (BREUIL & ZBYSZEWSKI, 1942, p. 327); ainda que só muito mais tarde exaustivamente publicadas, já depois do falecimento de Breuil, o respectivo trabalho veio clarificar a posição de tais indústrias na sequência crono-estratigráfica plistocénica (BREUIL, *et al.*, 1962). Situação semelhante se verificou no respeitante às indústrias globalmente coevas do litoral alentejano a sul de Sines, praticamente ainda desconhecidas na década de 1940, vieram a documentar a frequência daquele trecho litoral, até à região de Vila Nova de Milfontes, por comunidades de caçadores-recolectores pós-paleolíticas. (BREUIL, RIBEIRO & ZBYSZEWSKI, 1943; BREUIL & ZBYSZEWSKI, 1946), incluindo mesmo a identificação de artefactos típicos, os chamados machados mirenses, cujas características foram então definidas, de onde resultou a designação de Mirense, para estas indústrias de base macrolítica. Mais recentemente, desenvolveram-se estudos de carácter morfométrico sobre estes artefactos (PENALVA & RAPOSO, 1987; RAPOSO & PENALVA, 1993); a sua caracterização envolveu a análise por componentes principais, a qual conduziu a proposta devidamente fundamentada de classificação tipológica (CARDOSO & GOMES, 1997).

Na sequência da prospecção do litoral para sul, na área do Cabo de São Vicente, perto de Sagres, também se recolheram exemplares de sílex atípicos que foram considerados pelos descobridores, com reservas, do Paleolítico superior ou do Mesolítico (BREUIL, VAULTIER & ZBYSZEWSKI, 1943). Importa referir que estas indústrias foram recolhidas na área onde mais tarde se vieram a identificar fundos de cabana neolíticos, como os correspondentes à estação do Neolítico Antigo de Cabranosa, pelo que pode ser esta a época dos materiais

então recolhidos. Com efeito, a componente “miro-asturiense” destas indústrias, de acordo com a terminologia utilizada pelos Autores, foi retomada ulteriormente e inscreve-se sem dificuldades no Epipaleolítico, avultando a presença de belos picos sobre seixos rolados de grauvaque, de bordos côncavos e regulares, que em nada se distinguem dos melhores picos asturienses da área epónima. É o caso de dois exemplares recolhidos em Milfontes (BREUIL & ZBYSZEWSKI, 1946, Pl. XX, n.º 121; Pl. XXI, n.º 123). No entanto, deve ter-se presente a possibilidade de convergência em diversas épocas da utilização do mesmo tipo de instrumento, face à necessidade de responder a idênticas necessidades funcionais, como é o caso.

No seguimento imediato do trabalho anterior, as prospecções no litoral ocidental algarvio deram origem à identificação de outras estações com espólios macrolíticos epipaleolíticos, reconhecidos na praia de Monte dos Clérigos e do Telheiro, onde os autores declaram tratar-se “[...] *d’une industrie contemporaine de la dernière série de Milfontes qui établit un passage du Paléolithique aux industries plus récentes d’âge mésolithique.*” (FORMOSINHO, VAULTIER & ZBYSZEWSKI, 1945-1946, p. 197). Em 1949, na sequência das prospecções levadas a cabo por diversos autores, publicou-se extenso trabalho que menciona a presença em diversos locais, por vezes com interesse estratigráfico, de materiais que poderão nalguns caso inscrever-se nas épocas em estudo, designadamente a série designada de “Languedocense, Paleolítico Superior e Post-Paleolítico”, ou simplesmente “Languedocense e Post-Paleolítico”, presente em diversos locais. Os autores identificam mesmo a presença de machados mirenses, como os exemplares recolhidos em Pinheiro, Luz de Tavira e em Castro Marim I (ao sul da vila), o que mostra que a influência daquelas indústrias reconhecidas pela primeira vez na zona de Milfontes se estenderia a todo o Algarve fragmento (VIANA & ZBYZSEWSKI, 1949). Este trabalho resultou, essencialmente, das colheitas de Abel Viana, incansável arqueólogo, que em anos anteriores tinha realizado prospecções no sotavento e barlavento algarvios, tendo porém obtido magros resultados, no que se refere aos períodos agora em estudo (VIANA, 1945 a). Na mesma época, as principais prospecções concentraram-se no vale do Guadiana a jusante da confluência com o Ardila, tendo cartografado dezenas de estações, avultando a presença em quase todas elas, de abundantíssimas indústrias languedocenses (VIANA, 1945 b; VIANA, 1945-1947), cujo enquadramento crono-estratigráfico já anteriormente foi apresentado. Tais trabalhos beneficiaram do acompanhamento que realizou dos reconhecimentos que vinham então a ser ali realizados por dois geógrafos, Mariano Feio e Amílcar Patrício. Em termos logísticos, tão extensos trabalhos de campo foram propiciados por já então residir definitivamente em Beja. E mesmo nos arredores desta cidade procurou e encontrou abundantes indústrias paleolíticas, porém nenhuma atribuídas às épocas interessadas por este trabalho (ZBYSZEWSKI & VIANA, 1952).

Importa referir que, na óptica dos diversos autores, os conjuntos artefactuais de base macrolítica, tanto do litoral norte e sul do País, como de alguns rios mais importantes (Tejo, Guadiana), corresponderiam ao Languedocense, definido por características tipológicas e tecnológicas, o qual teria uma longa diacronia, iniciando-se no Paleolítico Médio, e abarcavam todo o Paleolítico Superior podendo mesmo terminar em tempos pós-paleolíticos. O Languedocense, se quisermos fazer corresponder a esta terminologia o Ancorense, corresponderia, no nosso entender, aos conjuntos de base macrolítica cuja cronologia não é anterior aos tempos fini e imediatamente pós-paleolíticos, no respeitante ao litoral minhoto (MEIRELES, 1992); no litoral alentejano, a associação, ainda que excepcional, a produções leptolíticas fini-paleolíticas, permitiram fixar a idade das produções macrolíticas associadas, confirmadas pelas datações absolutas pelo radiocarbono, já pós-paleolíticas (RAPOSO, 1994). Já no que se refere ao vale do Tejo, a posição estratigráfica destas indústrias indica igualmente época pós-paleolítica, conforme foi demonstrado pela sequência observada na estação do Moinho de Benavente (BREUIL & ZBYSZEWSKI, 1942, p. 303), devidamente valorizada aquando do estudo das indústrias da região de Santo Estêvão (CARDOSO & CANINAS, 2008).

A mesma realidade foi também verificada no vale do Guadiana, tão intensamente prospectado na década de 1940, por Abel Viana, como concludentemente provou a escavação da Barca do Xarez de Baixo, com base em datações de radiocarbono, evidenciando, outrossim, a importância componente sobre lasca destas indústrias de base macrolítica (ALMEIDA, ARAÚJO & RIBEIRO, 2002; ARAÚJO & ALMEIDA, 2003). Desta forma, ficou cabalmente demonstrada a anterioridade destas indústrias de base macrolítica, seja no litoral norte, no litoral sul ou nos vales dos Tejo ou Guadiana, face aos conjuntos mesolíticos do vale do Tejo e do Sado (CARDOSO, 2007).

Pelo exposto, verifica-se que o legado de Henri Breuil, no que respeita à metodologia do estudo tipológico das indústrias em causa e ao seu enquadramento crono-estratigráfico, foi mantido, sem alterações por Georges Zbyszewski, agregando ulteriormente diversos colaboradores, centrando-se especialmente no litoral a sul de Milfontes e até Sagres. Para além de O. Da Veiga Ferreira, as numerosas publicações sobre as indústrias recolhidas nas sucessivas prospecções tiveram a participação de uma equipa *ad hoc* constituída por profissionais liberais que, nos fins-de-semana e nas férias, trabalhavam em estrita colaboração com Zbyszewski e Veiga Ferreira. No que respeita à costa sudoeste, esta equipa produziu diversos trabalhos de real interesse para o conhecimento da ocupação epipaleolítica deste trecho litoral, destacando-se, entre outros, o estudo intitulado “Uma oficina de machados mirenses no Languedocense de Vila Nova de Mil Fontes” (ZBYSZEWSKI, LEITÃO & NORTH, 1971). Também nessa mesma época, mas de forma independente, Carlos Penalva percorreu o mesmo trecho litoral, de que resultou a localização de alguns dos mais importantes sítios, como os Palheirões do Alegria (PENALVA & RAPOSO, 1987 b), a Pedra de D. Rodrigo (ZBYSZEWSKI, FERREIRA & PENALVA, 1978) e o Medo Tojeiro (ZBYSZEWSKI & PENALVA, 1979), onde se identificaram pela primeira vez estruturas de combustão intactas, postas a descoberto pelo movimento cíclico das areias, as quais mais tarde vieram nalguns casos a ser escavadas e publicadas, como foi o caso, já acima referido, do primeiro daqueles sítios.

Tem interesse referir que, no respeitante ao litoral minhoto, as investigações relacionadas com as indústrias que hoje sabemos serem essencialmente epipaleolíticas, possuem uma longa história, muito anterior ao decisivo impulso de Breuil e Zbyszewski, já que remontam a 1925 (CARDOSO & MELO, 2005; CARDOSO, 2006). Nesse ano, Joaquim Fontes numa digressão efectuada pelo litoral adjacente à fronteira do rio Minho, localizou e publicou a estação de Camposancos (FONTES, 1925) – a primeira localizada no litoral galego – atribuindo-a ao Paleolítico. Esta cronologia foi posta em dúvida, pouco depois, por Eugénio Jalhay, que despertado por aquela inopinada ocorrência, prontamente publicou nota sobre a mesma (JALHAY, 1925). Anos volvidos, ao publicar “A estação asturiense de La Guardia”, mantém as mesmas dúvidas (JALHAY, 1928). No ano seguinte, o mesmo autor volta ao assunto declarando, a propósito, o seguinte: “Esta classificação, posta em dúvida por alguns autores, acaba de ser confirmada, embora indirectamente, com o aparecimento de várias estações paleolíticas, duma tipologia verdadeiramente clássica, na margem portuguesa do rio Minho” (JALHAY, 1929, p. 191). Referia-se às descobertas de Abel Viana, publicadas logo no ano seguinte (VIANA, 1930), às quais adiante se retornarão.

Outros arqueólogos merecem ainda destaque durante esta fase da História da Arqueologia portuguesa do Paleolítico Superior e do Mesolítico. Para além de Afonso do Paço, que publicou em 1933 interessante estudo no qual reportava ao Mesolítico (Epipaleolítico) as indústrias asturienses (PAÇO, 1933), destaca-se Rui de Serpa Pinto, já anteriormente mencionado. Importa referir que foi a ele que se deveu a identificação da notável presença epipaleolítica ao longo do litoral minhoto, com prolongamento pela Galiza: conforme declara Mendes Corrêa (CORRÊA, 1951): “*Em 1925 Rui de Serpa Pinto trouxera-me das praias de Âncora um calhau talhado de quartzite, que, receoso da proximidade da linha férrea do Minho, não identifiquei e apenas ficou*

guardado. Em 1928 a publicação pelo P. Jalhay do trabalho sobre o Asturiense da Galiza, levou Rui de Serpa Pinto a fazer a identificação daquela peça como um pico asturiense. E assim o jovem investigador que entra logo nas melhores relações de amizade e de intercâmbio científico com o P. Jalhay, pode anunciar ao mundo científico numa monografia modelar as suas notáveis descobertas, em Portugal, da cultura que o Conde de la Vega del Sella revelara anos antes nas Astúrias.”

De facto, o trabalho publicado em 1928 é monografia modelar, fixando definitivamente no litoral minhoto um dos focos daquela cultura epipaleolítica, na origem do termo Ancorense (PINTO, 1928). Data do ano seguinte o primeiro trabalho de Abel Viana dedicado à arqueologia, época em que se correspondeu com J. Leite de Vasconcelos, dele recebendo incentivo e orientação (CARDOSO & COITO, 2014-2015). Tal trabalho versou as indústrias epipaleolíticas recolhidas no litoral de Areosa (VIANA, 1929), a sul de Vila Praia da Areosa, trecho prospectado pouco tempo antes por Serpa Pinto, sendo certamente consequência imediata do trabalho daquele malogrado arqueólogo.

É interessante registar que, muitos anos depois, Abel Viana mantinha o interesse pelo estudo destas indústrias, de que resultou a síntese, significativamente intitulada “Asturiense das Astúrias e do litoral minhoto” (VIANA, 1956).

Importa referir que, ao longo dos anos a cronologia relativa destas indústrias, face à cronologia reconhecidamente epipaleolítica das indústrias asturienses tem sido recorrentemente discutida, a começar pelas suas pretensas analogias mútuas. Relativamente a esta última questão, Abel Viana, naquele seu derradeiro contributo para esta discussão, declara: “*Joaquim Fontes e, pouco depois, Eugénio Jalhay, todavia, viram, primeiro que ninguém, que as indústrias líticas de Camposancos não eram o mesmo que o asturiense das Astúrias, isto é, não eram verdadeiramente asturienses.*” (ob. cit., p. 189).

A questão referente à cronologia relativa estas indústrias, designadas de Camposaquense, Ancorense ou mesmo Asturiense, para uns era anterior à do verdadeiro asturiense das Astúrias; para outros, tais indústrias eram coeva daquele – sendo datadas indubitavelmente pela presença de picos asturienses, considerados assim como um fóssil directo daquelas indústrias. Enfim, existia sempre a possibilidade de tais indústrias serem em parte asturienses e em parte mais modernas, dado que algumas daquelas peças foram recolhidas em Castros da Idade do Ferro (BREUIL *et al.*, 1962). Para estes autores, as indústrias em causa conheceram uma larga diacronia, estreitamente ligada desde o início à sequência clássica do Paleolítico Inferior e do Paleolítico Médio, admitindo que a existência de picos se teria verificado desde o Acheulense antigo, tornando-se particularmente abundantes nas indústrias roladas pelo mar flandriano, “[...] *à laquelle elles sont nettement antérieurs [...]*” (ob. cit., p. 128). Assim sendo, a série mais moderna, onde os picos se apresentam mais abundantes, “[...] *est celle qui se reproche le plus du point de vue typologique de l’Asturien des Asturies et doit lui être contemporaine ou moins en partie.*” (ob. cit., p. 127).

Do exposto, conclui-se que para Breuil e colaboradores, as derradeiras produções de macro-utensílios, onde os picos atingiam a sua presença máxima eram já epipaleolíticas, sendo esta idade reforçada pelos contextos geológicos observados. Ao contrário, J. Meireles chegou a conclusões distintas de que destacam duas: 1) os testes estatísticos de coerência de Kolmogorov-Smirnov evidenciaram a diferença entre os conjuntos industriais ancorense e asturiense; 2) os contextos dos conjuntos ancorense integram-se no Plistocénico Superior, igualmente em resultado da interpretação da informação geológica recolhida enquanto os asturiense, das Astúrias, seriam, como é sabido de há muito, pós-glaciários. Crê-se que a última palavra sobre a cronologia destas indústrias ainda não foi dada, podendo admitir-se que as mesmas cavalguem a transição do Plistocénico para o Holocénico, sendo por isso fin-paleolíticas e imediatamente post-paleolíticas, o que corresponde à designação de Epipaleolítico que lhes foi atribuída pela maioria dos autores.

No que respeita aos concheiros do vale do Tejo, o primeiro trabalho de cartografia sistemática dos concheiros conhecidos (PAÇO, 1938), tem o interesse de registar a localização de alguns que presentemente já não existem, realizado na mesma época em que a equipa de Mendes Corrêa desenvolvia escavações nalguns deles. Esta contribuição foi recuperada, pouco depois, por este autor e Eugénio Jalhay, que completaram todas as informações cartográficas e bibliográficas relativas a estações paleolíticas e mesolíticas do território português, constituindo assim um repositório de evidente actualidade e interesse, que se mantém (JALHAY & PAÇO, 1940), ulteriormente actualizado em 1967 (PAÇO, 1967).

Na primeira metade do século XX, Portugal contou com outra figura essencial ao desenvolvimento dos estudos do Paleolítico Superior e do Mesolítico: Manuel Heleno. Figura maior da arqueologia portuguesa, Heleno iniciou a sua carreira académica como Assistente Provisório de Arqueologia na Universidade de Lisboa, em 1923, seguindo-se poucos anos depois a nomeação como Director interino do Museu Nacional de Arqueologia em 1929 (CARDOSO, 2013 c), cargo que, de pleno direito, ocupou durante cerca de quatro décadas e que alterou o conhecimento do Paleolítico Superior e do Mesolítico portugueses (BICHO & RAPOSO, 2013; CARDOSO, 2013 c; RAPOSO & BICHO, 2013). Embora aqui não seja feita aqui nenhuma referência exaustiva ao trabalho de Manuel Heleno, uma vez que isso está patente na obra editada recentemente por um de nós, devem notar-se um conjunto de informações muito relevantes para o presente ensaio.

As duas responsabilidades profissionais de Manuel Heleno (director do MNA e professor universitário) marcaram o estudo do Paleolítico e Mesolítico em Portugal por duas razões principais: por um lado, porque ao contrário do que se pensava até época recente (BICHO & RAPOSO, 2013; CARDOSO, 2013 c), Heleno foi uma peça fundamental no ensino da metodologia arqueológica em meados do século passado, fornecendo por isso aos futuros investigadores ferramentas fundamentais para o seu trabalho; por outro lado, porque promoveu uma diversidade e quantidade de trabalhos de campo, durante cerca de quarenta anos, enquanto director do Museu Nacional de Arqueologia, que enformaram o conhecimento actual do Paleolítico Superior e do Mesolítico em Portugal.

No âmbito desses trabalhos destacam-se, através da prospecção e da escavação, jazidas na zona de Rio Maior, nomeadamente os vários sítios de Bocas (Abrigo Grande das Bocas, Alto das Bocas, Forno da Telha), Vale Comprido, Vales da Senhora da Luz, Vale de Porcos, Vascas, Casal do Filipe, Terra do Manuel e Carneira; na região de Torres Vedras, as jazidas de Vale de Almoinha, Ponta da Vigia, Rossio do Cabo e Vale da Mata); e ainda no vale do Sado, os concheiros mesolíticos, entre outros muitos casos. Pode bem dizer-se que jamais um homem trabalhando deliberadamente sozinho, conseguiu no contexto da Arqueologia portuguesa, reunir um tão extraordinário repositório de elementos por si colhidos em primeira mão (HELENO, 1956). Ali elenca com grande objectividade os principais progressos científicos respeitantes ao Paleolítico Superior e ao Mesolítico, podendo dizer-se que, relativamente ao primeiro, foi de facto o principal responsável, até ao presente, pelos maiores progressos verificados no seu conhecimento, praticamente nulo antes do início da sua actividade, enquanto que, quanto ao segundo, teve a capacidade para negar, com argumentos concretos, a célebre teoria da filiação negróide e australóide da população de Muge, que Mendes Corrêa havia abraçado ainda no início da sua longa carreira científica, e que só abandonaria já perto do seu final, na década de 1950, quando já seria insustentável a sua manutenção (CARDOSO, 2010-2011).

Porém, apesar do vastíssimo e valiosíssimo conjunto de resultados compilados no terreno, Heleno teve inquestionavelmente uma produção científica muito limitada, o que poderá ficar a dever-se a diversas causas, de que avulta talvez uma, mais importante, respeitante tão-somente à sua falta de gosto pela escrita.

Deve-se ainda a Manuel Heleno as escavações realizadas no final da década de 1950 e inícios da seguinte em alguns dos concheiros do vale do Sado, os primeiros dos quais haviam sido identificados por Lerenó Antunes Barradas, na década de 1930 (BARRADAS, 1936): trata-se dos concheiros de Portancho e de Quinta de Baixo, tendo reproduzido diversos artefactos então ali recolhidos.

Tal como sucedeu com os seus achados notáveis de Paleolítico Superior da região de Rio Maior, também as escavações de Manuel Heleno nestes locais permaneceram inéditos até época recente, tendo entretanto o número de concheiros sido completado e aumentado por um de nós, aquando dos levantamentos geológicos da folha do Torrão (CARDOSO & GONÇALVES, 1992).

Num dos seus raros artigos sobre o Paleolítico Superior, quase telegráfico e desprovido de citações bibliográficas, Manuel Heleno é concludente sobre a origem europeia das indústrias do Paleolítico Superior do território português (HELENO, 1948), destacando-se de longe as que ele próprio identificou na região de Rio Maior, das quais apresenta listagem distribuída pelas diversas épocas. Esta preciosa informação não foi então estudada e publicada; dela apenas ficou a notícia que Manuel Heleno transmitiu à imprensa diária da capital (ver jornal *A Voz*, de 21.04.1944 e *Novidades*, de 27.04.1944). Na época, foi apenas Virgínia Rau, num estudo de síntese sobre os progressos dos conhecimentos no estudo da Pré-História a partir de 1940 (RAU, 1948) e Jean Ollivier, os únicos que compilaram e publicaram tais informações, a partir das notícias dos jornais, conferindo-lhes tratamento científico. Jean Ollivier agregou-as aos resultados preliminares das suas descobertas na praia de Santa Cruz, e de outras, dispersas e menos características, nas estações paleolíticas dos arredores de Lisboa, cujos conjuntos mais modernos, com base na presença de alguns exemplares mais típicos, se reportariam ao Paleolítico Superior (OLLIVIER, 1947). É o caso, entre outros menos expressivos, dos espólios recolhidos na gruta de Ponte da Laje por Carlos Ribeiro, em 1879, dos quais alguns foram ulteriormente separados como sendo do Paleolítico Superior (BREUIL & ZBYSZEWSKI, 1942); no entanto, só alguns destes últimos exemplares foram no âmbito de uma revisão geral dos referidos espólios, confirmados como desta época, a que se juntaram outros, até então misturados com os exemplares neocalcolíticos, destacando-se uma pequena ponta de projectil de pedúnculo espesso, muito idêntica a exemplar da gruta das Salemas (CARDOSO, 1995). Seja como for, a síntese de Jean Ollivier, de 1947 foi, de forma algo surpreendente, por circunstâncias várias, a primeira efectuada sobre o Paleolítico Superior do território português.

Importa referir que o autor já anteriormente tinha publicado as estações do litoral de Santa Cruz, onde recolheu, em níveis de areias cinzentas, exemplares típicos que reportou ao Aurignacense (OLLIVIER, 1944). Esta foi, de forma algo surpreendente, a primeira notícia publicada em Portugal sobre a ocorrência de materiais paleolíticos *in situ*, num depósito subaéreo. No entanto, esta conclusão veio a verificar-se errónea.

Com efeito, as indústrias em causa, dispersas por vários núcleos ao longo do litoral de Santa Cruz, evidenciados por diversas estruturas de combustão, são na verdade epipaleolíticas, como concludentemente ficou demonstrado por João Zilhão (ZILHÃO, CARVALHO & ARAÚJO, 1987), atribuição corroborada por datações por este obtidas e mais tarde por outros investigadores.

Contemporâneo de Manuel Heleno, foi António Augusto Esteves Mendes Corrêa, já acima referido, patrocinador de importantes iniciativas com efectivo impacto no estudo da Pré-História antiga (CARDOSO, 1999). Destas, destacam-se as investigações que conduziram, entre outros resultados, à identificação de ocorrências paleolíticas de diversas épocas nas antigas colónias portuguesas (POLONI, 2011). No que respeita ao território continental, avultam as escavações realizadas nos concheiros do Cabeço da Amoreira e do Cabeço da Arruda na década de 1930, cuja história já foi objecto de detalhado contributo, baseado no seus cadernos de campo (CARDOSO & ROLÃO, 1999-2000), complementado mais recentemente por outra iconografia (ABRUNHOSA, 2015).

Porém, daqueles importantíssimos trabalhos de campo, que se prolongaram por vários anos, pouco resultou, em termos de publicações: o mais antigo, de Ruy de Serpa Pinto, dedicado à indústria lítica do Cabeço da Amoreira, o primeiro concheiro a ser explorado (PINTO, 1932); um artigo de síntese, relativamente desenvolvido, mas abordando apenas aos primórdios dos trabalhos de campo realizados em 1930-1931, apresentado à XV Sessão do Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia pré-Históricas, reunido em Portugal em 1930 e em Paris em 1931 para comemorar o cinquentenário da memorável IX Sessão do mesmo Congresso, realizada em Lisboa (CORRÊA, 1933). Em 1934 apresenta um outro artigo de síntese dedicado à discussão sobre a cronologia relativa dos concheiros (CORRÊA, 1934) concluindo, por critérios que hoje sabemos infundados – como se demonstrou claramente pelas datações de radiocarbono obtidas até ao presente – pela maior antiguidade do Cabeço da Amoreira relativamente ao Cabeço da Arruda.

No campo da Antropologia destas populações mesolíticas – as primeiras a serem identificadas a nível europeu – destacam-se, naquela época, os trabalhos de Henri Vallois, que, apenas com base no estudo craniométrico dos materiais das antigas colecções do século XIX refutou a teoria da filiação africana e austral destas populações (VALLOIS, 1930), defendida por Mendes Corrêa desde pelo menos 1919 (CORRÊA, 1919), reafirmado em 1936, embora sem novos dados resultantes das escavações por si ali dirigidas (CORRÊA, 1936). Porém, este estudo teve réplica de Vallois (VALLOIS, 1940), em estudo notável, onde discute a posição destas populações no quadro do Mesolítico europeu e norte-africano, confirmando as conclusões por si anteriormente apresentadas. Tais conclusões, postulando uma filiação essencialmente europeia mediterrânica das populações de Muge, veio a ter mais tarde cabal confirmação, através do estudo publicado em 1960 por Denise Ferembach (FEREMBACH, 1960).

Com efeito, importa referir que o primeiro estudo sobre os materiais antropológicos das escavações de Mendes Corrêa foi o de A. Ataíde (ATAÍDE, 1940), discípulo de Mendes Corrêa, que corroborou, globalmente, as conclusões por este apresentadas quanto às afinidades negróides daquelas populações, numa época em que tal seria já difícil de defender.. Com efeito, Mendes Corrêa apenas em 1956 admitiu a hipótese que até então vinha contrariando, ao publicar a notícia preliminar do estudo antropológico do conjunto da Moita do Sebastião (CORRÊA, 1956), ulteriormente estudado detalhadamente por Ferembach, como acima se referiu.

Os trabalhos de Mendes Corrêa em Muge contaram sempre com a participação essencial de Rui de Serpa Pinto e de Joaquim Rodrigues dos Santos Júnior, seus assistentes na Faculdade de Ciências do Porto, os quais, depois do falecimento prematuro de Serpa Pinto, foram continuadas apenas por Santos Júnior.

A presença de Mendes Corrêa nas escavações não era permanente, longe disso, deixando ao critério dos seus colaboradores a efectiva direcção dos trabalhos, como se conclui até pela letra dos cadernos de campo das sucessivas campanhas de escavações, com excepção dos trabalhos iniciais. Essa foi uma das facetas principais do ilustre catedrático do Porto, a de conferir responsabilidades aos seus colaboradores mais próximos, depositando neles a indispensável confiança e conferindo-lhes os meios indispensáveis para realizarem os trabalhos a que ele, assoberbado por muitas outras responsabilidades oficiais, não tinha possibilidade de dar resposta.

Também Breuil e Zbyszewski ocuparam-se, ainda que marginalmente, do Mesolítico do Vale do Tejo: em 1947 efectuaram o estudo das indústrias dos concheiros das ribeiras de Muge e de Magos (BREUIL & ZBYSZEWSKI, 1947). De facto, tais indústrias, recuperadas no século XIX pelos sucessivos escavadores daquelas estações (Carlos Ribeiro e Francisco de Paula e Oliveira, cujas mortes prematuras impediram de as estudar convenientemente), mantinham-se inéditas. A percepção integradora de Breuil, quanto ao significado dos vestígios ali recuperados manifesta-se de forma expressiva na reconstituição da cena de vida doméstica feita já aquando da sua estada na África do Sul, a partir de Novembro de 1942, ulteriormente publicada em livro pedagógico de grande divulgação (BREUIL, 1949, p. 87).

É interessante referir que, no artigo de 1947, os autores admitiram a hipótese de os amontados de restos de cozinha que constituem os concheiros tenham resultado das actividades domésticas realizadas noutra local da periferia das ditas acumulações. Esta hipótese foi comentada de forma judiciosa por Virgínia Rau que, a propósito das escavações realizadas por Manuel Heleno na jazida mesolítica do Forno da Telha, declara: “[...] *Forno da Telha est le premier gisement mésolithique connu au Portugal qui correspond à un lieu d’habitation, tous les autres gisements de cette époque sont des amoncellements de déchets divers contenant de très nombreuses sépultures vers la base de la masse de coquilles accumulées [...]*.” (RAU, 1948, p. 78). Ver-se-á que esta afirmação foi em época mais recente posta em causa, mas o que importa sublinhar é a ausência de escavações que permitiam, até cerca de meados do século, conceber a organização do espaço de qualquer concheiro mesolítico do vale do Tejo, não obstante as escavações realizadas no decurso da década de 1930 no Cabeço da Amoreira e depois no Cabeço da Arruda, por iniciativa de António Augusto Mendes Corrêa, cujos contributos adiante analisados.

Os resultados obtidos pela equipa de Mendes Corrêa nas escavações dos concheiros de Muge na década de 1930 mantiveram-se por mais de uma década por estudar: o falecimento de Ruy de Serpa Pinto, em 1933 e a crescente ocupação de Santos Júnior na antropologia e arqueologia das colónias africanas portuguesas justificaram tal situação, que se afigurava especialmente gravosa no caso do Cabeço da Amoreira, onde os trabalhos foram mais intensos. Tal situação explica a vinda de Jean Roche, a Portugal, como jovem investigador do CNRS, apoiado directamente por Mendes Corrêa através do Centro de Estudos de Etnologia Peninsular (Instituto para a Alta Cultura), revelando-se, uma vez mais, a confiança e apoios dispensados àqueles que procuravam o seu apoio para prosseguirem as suas investigações (realidade bem evidente no caso de diversos arqueólogos portugueses em meados do século XX, como Abel Viana, O. da Veiga Ferreira, Eduardo da Cunha Serrão, entre outros). Assim se explica, também, a publicação, igualmente assegurada por Mendes Corrêa da monografia dedicada às indústrias do concheiro do Cabeço da Amoreira (ROCHE, 1951 a), a qual inaugurou a longa participação do arqueólogo francês na arqueologia portuguesa, e que teve um seu ponto alto na publicação, em 1960 dos resultados das escavações realizadas entre 1951 e 1954 no concheiro de Moita do Sebastião, onde se evidenciou pela primeira vez, a presença de unidades habitacionais implantadas na base do concheiro, a única, como se referiu, que se preservou (ROCHE, 1960 a).

O labor de Jean Roche em Portugal prosseguiu, logo a partir daquele ano de 1951, com o estudo os espólios do Paleolítico Superior da Casa da Moura das escavações de Nery Delgado, tendo então identificado exemplares atribuídos com reservas ao Magdalenense (ROCHE, 1951 b), época a que pertenceria também o conjunto de fragmentos de zagaias de osso, já observadas por H. Breuil e por ele publicadas em 1918.

Data também daquele ano de 1951 o início da longa participação do arqueólogo francês nas investigações dos concheiros da ribeira de Muge, que se saldou por um elevado número de publicações (ver bibliografia alargada deste autor em CARDOSO & ROLÃO, 1999-2000). Assim, a primeira campanha de escavações no concheiro da Moita do Sebastião teve já a sua participação, desenvolvendo-se em anos subsequentes, não só neste notável sítio arqueológico, cujas camadas médias e superiores haviam sido recentemente arrasadas para a construção de instalações agro-industriais da Casa Cadaval – o que justificou aquela intervenção – mas também, sucessivamente, em outros concheiros do vale da ribeira de Muge: Cabeço da Amoreira e, finalmente, Cabeço da Arruda. Este ciclo de escavações, cujo historial já foi detalhadamente apresentado (CARDOSO & ROLÃO, 1999-2000), só viria a terminar na segunda metade da década de 1960. Importa no entanto sublinhar que frequentemente a coordenação de campo foi da responsabilidade de Octávio da Veiga Ferreira, embora se lhe tenha atribuído, nas publicações, especialmente as apresentadas internacionalmente, papel claramente modesto e subvalorizado (CARDOSO, 2008 b).

Os trabalhos de Roche e de Veiga Ferreira, em pareceria ou individualmente, representam também um dos pontos altos na história das investigações sobre o Paleolítico Superior em Portugal.

Salienta-se a publicação da estratigrafia dos níveis do Paleolítico Superior da Gruta das Salemas, e das faunas associadas (ROCHE & FERREIRA, 1970), cuja escavação foi realizada por O. da Veiga Ferreira e J. Camarate França em 1959 e 1960. O estudo tipológico dos materiais, revelou diversas ocupações naquela época da cavidade, constituindo abrigo logístico recorrente para sucessivos grupos de caçadores que exploravam os relevos calcários de média altitude dominantes na região, foi prontamente publicado (ZBYSZEWSKI *et al.*, 1961, 1962), a par de uma ponta de zagaia afeiçãoada em osso peniano de Urso, atribuída ao Perigordense (ROCHE, FERREIRA & FRANÇA, 1961), ao mesmo tempo que se publicava o conjunto do Paleolítico Superior atribuído então ao Solutrense e recolhido por Nery Delgado na gruta da Casa da Moura (FRANÇA, ROCHE & FERREIRA, 1961).

O importante conjunto recolhido na gruta das Salemas por Veiga Ferreira e colaboradores, onde avultavam as produções solutrenses, animaram-no a publicar uma síntese sobre esta indústria com base nos elementos então identificados (FERREIRA, 1962), onde deu a conhecer vários exemplares que até então tinham passado despercebidas, como uma belíssima folha das gutas do Poço Velho, acompanhada por uma ponta pedunculada do tipo Parpalló.

É interessante verificar que o interesse pelo Paleolítico Superior português, até então quase desconhecido, em especial as produções solutrenses típicas, foi projectado além-fronteiras, dando origem a notícia onde se valorizou a sua presença em território português (RIPOLL PERELLÓ, 1964-1965).

A par da intervenção no estudo de espólios antigos, paleolíticos ou mesolíticos (Casa da Moura, Cabeço da Amoreira), a que se seguiu a colaboração nos estudos de escavações desde logo iniciadas em concheiros mesolíticos (Moita do Sebastião, Cabeço da Amoreira, Cabeço da Arruda) ou grutas paleolíticas (Salemas), Jean Roche dedicou-se ao estudo das ocupações fini-paleolíticas ou já epipaleolíticas do litoral de Santa Cruz, algumas delas anteriormente estudadas por Jean Ollivier (OLLIVIER, 1943-1944). Com Leonel Trindade ocupa-se do estudo dos espólios recuperados por este último na escavação que realizou na estação do Rossio do Cabo, confirmando a idade aurignacense atribuída por Ollivier às ocorrências vizinhas (ROCHE & TRINDADE, 1951; ROCHE, 1952), mas que, na verdade, é epipaleolítica, como já anteriormente se referiu.

O labor de Jean Roche no respeitante ao Paleolítico Superior português prosseguiu, sempre apoiado por O. da Veiga Ferreira, em quem encontrava sempre disponibilidade para lhe garantir os meios indispensáveis à prossecução dos trabalhos de campo.

Resultado dessa colaboração foi a publicação de duas estações de ar livre, uma situada na encosta voltada para a ribeira de Alcântara da serra de Monsanto (Vila Pouca), a outra correspondendo a um paleossolo arqueológico arenoso. Ambas forneceram materiais estratigrafados do Paleolítico Superior (ROCHE, FERREIRA & ZBYSZEWSKI, 1959). É também no âmbito da colaboração estabelecida por Jean Roche com os Serviços Geológicos de Portugal que se explica a intervenção na Lapa da Rainha, repartida por duas campanhas (1968 e 1969), onde se recolheram escassas indústrias do Paleolítico Superior, no geral atípicas, entre as quais alguns escassos dentes humanos, que constituíam os primeiros restos desta época recolhidos em Portugal (ALMEIDA *et al.*, 1970).

Após o 25 de Abril de 1974, julgando que O. da Veiga Ferreira já não poderia continuar a ser-lhe útil, Jean Roche procurou outros apoios em Portugal. Assim, recorreu à colaboração do Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto para a escavação da Lapa do Suão, situada muito próximo da Gruta Nova da Columbeira onde, ainda com o apoio de O. da Veiga Ferreira, realizou em 1972 um corte estratigráfico nos depósitos

do Paleolítico Médio ali existentes. As escavações desenrolaram-se entre 1974 e 1976 e os resultados foram publicados pouco depois (ROCHE 1979), num ensaio dedicado à caracterização do Magdalenense do território português, no qual também incluiu a gruta da Casa da Moura.

No decurso das suas estadas em Portugal, Jean Roche recolheu diversos tipos de elementos, estratigráficos e tipológicos, que lhe permitiram elaborar uma curta síntese sobre o Paleolítico Superior português (ROCHE, 1964).

Trata-se da contribuição que era então possível, face à escassez dos dados então disponíveis, apresentando-se algumas interpretações para a realidade documentada. No que se refere à distribuição das estações, conclui-se que as mesmas correspondem essencialmente à região da Estremadura, dominada pela ocorrência de rochas calcárias, propícias à existência de grutas; porém, as mesmas não eram intensamente utilizadas, em resultado da pouca severidade climática verificada sobretudo na fase final do Plistocénico, à qual pertencem a maioria dos testemunhos. Assim, não obstante os esforços desenvolvidos pela equipa dos Serviços Geológicos de Portugal no sentido de se identificarem grutas com presença paleolítica, os resultados expressam-se apenas por uma única ocorrência, a gruta das Salemas. Tal realidade indica que a maioria das estações seria de ar livre, como evidenciam as que foram reconhecidas na região de Rio Maior e ao longo do litoral respectivo. Mais para o interior, Roche admite que a distribuição das estações teria de ser tão densa quanto a verificada em outras regiões da Europa Ocidental, embora à época nada se conhecesse que substanciasse essa conclusão.

Já no que respeitava à sequência crono-cultural, a referida síntese veio demonstrar que a mesma era idêntica à observada em qualquer daqueles domínios geográficos, com a comprovada presença do Aurignacense, Perigordense, Solutrense e Magdalenense.

Este contributo fazia sem dúvida o ponto da situação em meados da década de 1960 e viria a ter o seu contraponto na síntese que, vinte anos depois, a equipa dos Serviços Geológicos de Portugal produziu, embora publicada, dado já o seu interesse histórico, apenas no final do século (ZBYSZEWSKI *et al.*, 1999/2000), com alguns contributos novos, destacando-se a presença de uma ocupação solutrense na gruta do Correio-Mor (CORCHÓN & CARDOSO, 2005) e mencionando já os primeiros trabalhos de João Zilhão na gruta do Caldeirão (ZILHÃO, 1985), e a publicação da estação de ar livre de Cambelas, explorada por M. Heleno (ZILHÃO, 1984), com a identificação do Solutrense em ambos os locais. Esta síntese dava já a importância devida ao conjunto solutrense recolhido em Evoramonte, em resultado da abertura de um poço, o qual havia apenas sido mencionado na síntese de Jean Roche. Desconhecem-se, contudo, as condições de jazida deste estranho lote de peças, todas elas folhas de loureiro solutrenses de talhe bifacial, com a ausência de qualquer outro tipo de utensílio ou resíduo de talhe (ROCHE, RIBEIRO & VAULTIER, 1968).

A presença de indústrias azilienses em território português foi possibilidade admitida por Jean Roche: *“Il semble même qu’il y ait de l’Azilien, si un gisement découvert par O. da Veiga Ferreira répond aux promesses entrevues lors d’une première prospection.”* (ROCHE, 1964, p. 27). Trata-se do nível identificado nesse mesmo ano de 1964 na Penha Verde, por baixo da ocupação calcolítica, reportado a uma cabana, onde avultam as pequenas raspadeiras unguiformes; algumas destas peças foram de facto assim explicitamente consideradas (FERREIRA & LEITÃO, s/d, p. 109), embora o artigo anteriormente publicado sobre as mesmas seja muito mais prudente, apesar de se tratar de um conjunto muito homogêneo e com controlo estratigráfico (ROCHE & FERREIRA, 1975). Ulteriormente, a revisão desta indústria conduziu a considerá-la epipaleolítica, de feição aziliense, dada a presença característica daquelas pequenas raspadeiras, embora faltem em absoluto outros elementos característicos daqueles conjuntos industriais (CARDOSO & FERREIRA, 1992).

Esta realidade sublinha bem a dificuldade de reportar claramente, do ponto de vista tipológico, as indústrias epipaleolíticas reconhecidas até época recente no território português, sendo fundamental a contribuição do radiocarbono para a sua adequada integração cronológica, realidade que persiste. Ao mesmo círculo epipaleolítico pertencem as indústrias microlíticas, essencialmente de sílex, recolhidas nas duas sondagens realizadas por Jean Roche no Cabo de Sines, onde avultam igualmente as raspadeiras subcirculares e unguiformes, e as lamelas de dorso abatido, que constituem cerca de 1/3 da utensilagem, apesar da escassez desta (ROCHE, 1960 b). Este pequeno estudo resultou da anterior atribuição das indústrias mais recentes daquele local se integrarem no Paleolítico Superior e Mesolítico (BREUIL & ZBYSZEWSKI, 1946), entre as quais figuravam alguns exemplares microlíticos de sílex, onde avultavam as pequenas raspadeiras curtas e subcirculares, com características do Paleolítico Superior (*ob. cit.*, p. 287, 288), exemplares em tudo semelhantes aos que ulteriormente Jean Roche viria ali a recolher, tal como os da Penha Verde.

A síntese de Jean Roche de 1964 foi acompanhada de uma outra relativa à evolução paleoclimática da Estremadura portuguesa no decurso do Paleolítico Médio e Superior (ROCHE, 1971) com base sobretudo no registo faunístico conhecido, concluindo que a amenidade climática teria sido predominante no decurso do Paleolítico Superior na Estremadura, conforme já se entrevia nas suas considerações da síntese de 1964. Esta realidade, porém, só viria a ser cabalmente demonstrada pela síntese publicada por um de nós, relativa estudo dos grandes mamíferos do Plistocénico superior do território português (CARDOSO, 1993).

Em 1963, um tiro de pedra pôs a descoberto a gruta do Escoural; reconhecido o seu interesse arqueológico, correspondente a uma necrópole neolítica, os trabalhos foram assumidos por Manuel Farinha dos Santos, Assistente de Manuel Heleno na Faculdade de Letras de Lisboa. Após alguns meses de trabalho nesta necrópole, uma lavagem com água de uma das paredes pôs a descoberto, acidentalmente as primeiras manifestações artísticas paleolíticas, pintadas nas superfícies rugosas das paredes constituídas por calcários cristalinos pré-câmbrios! (CARDOSO, 2001-2002 b). Trata-se da única ocorrência de pinturas parietais do Paleolítico Superior até hoje conhecida em Portugal (SANTOS, 1964; VAULTIER, SANTOS & GLORY, 1965), tendo sido possível associá-la a escassos materiais do Paleolítico Superior, entre os quais uma folha solutrense (GOMES, SANTOS & CARDOSO, 1990). Mais tarde, foram publicadas outras manifestações artísticas, recorrendo, para além da pintura, à gravura (SANTOS, GOMES & MONTEIRO, 1980). Logo no ano seguinte, publicou-se o primeiro conjunto de gravuras rupestres de ar livre, identificado em Mazouco, destacando-se um cavalo completo (JORGE *et al.*, 1981), prenunciando a identificação da arte rupestre do Côa, igualmente integrada na bacia hidrográfica do Douro.

4 - A NOVA ARQUEOLOGIA E OS ESTUDOS DOS CAÇADORES-RECOLECTORES EM PORTUGAL (1971-1994)

No início da década de setenta do século passado, altera-se o percurso da arqueologia pré-histórica em Portugal, afastando-se progressivamente da praxis francófona da qual tinha recebido influência dominante durante cerca de meio século. Parece haver duas razões principais para esta transformação: o desenvolvimento da Nova Arqueologia (TRIGGER, 1989) norte americana (CALDWELL, 1959) e da sua homóloga inglesa com os trabalhos de David Clarke (1968), cujos trabalhos começam a chegar a Portugal na década de setenta e a influenciar os jovens académicos de então; e a revolução de Abril que vem alterar não só o sistema universitário português (com a sua diversificação científica, permitindo uns anos mais tarde a abertura das primeiras

licenciaturas em História, variante de Arqueologia, ao que se seguiram as novas licenciaturas em Arqueologia, e ainda a expansão regional, com a abertura de cursos em universidades fora de Lisboa, Porto e Coimbra. Por outro lado, também as instituições da tutela arqueológica, conheceram alterações importantes: o Museu Nacional de Arqueologia, que perde a sua vinculação à Universidade de Lisboa, pois desde o tempo de J. Leite de Vasconcelos o lugar de Director era assegurado pelo Professor da Cadeira de Arqueologia da Faculdade de Letras da capital; e a Direcção-Geral dos Assuntos Culturais, que acaba por se cindir, dando origem ao Instituto Português do Património Cultural, com um Departamento de Arqueologia com jurisdição de início alargada a todo território continental.

Essa inflexão epistemológica exprime-se, na prática por diversas evidências. É o caso do Grupo para o Estudo do Paleolítico Português (GEPP), a partir de 1970 (RAPOSO & SILVA, 1996).

Assente numa perspectiva com raízes nos trabalhos dos anglo-saxónicos Clarke e Binford (entre outros), a actuação deste grupo teve grande impacto na zona de Vila Velha de Ródão, no que concerne aos estudos de estações do Paleolítico Inferior e Médio, bem como da chamada “arte do Tejo”, de cronologia em geral mais moderna.

Podem, no entanto, ocorrer, de acordo com a cronologia longa defendida por M. Varela Gomes (GOMES, 2010), algumas gravuras mais antigas, atribuíveis ao Epipaleolítico, como é o caso de um cavalo obtido por picotado, com o espaço interior ocupado por reticulado (GOMES & CARDOSO, 1989), constituindo uma ocorrência da maior importância para a arte pré-histórica peninsular.

Também a zona de Rio Maior e do maciço calcário estremenho foram alvo de trabalhos do GEPP, conduzindo à realocação dos sítios paleolíticos de Vale de Porcos e de Vascas e à descoberta das jazidas de Vale de Porcos II (ZILHÃO, 1997) e à primeira escavação na Gruta do Pego do Diabo, já anteriormente conhecida (GEPP, 1979; ZILHÃO, 1997; ZILHÃO *et al.*, 2010 b).

Foi também no contexto dos trabalhos do GEPP, que se iniciou o projecto de investigação pluridisciplinar sobre Pré-história e Quaternário do vale do Nabão (ZILHÃO, 1997), onde participaram investigadores que vieram a desenvolver importantes contributos para o estudo do Paleolítico Superior e Mesolítico na décadas seguintes: foi o caso sobretudo de João Zilhão, mas também de Ana Cristina Araújo, José Mateus e Luiz Oosterbeek. Foi no âmbito desse projecto que nasceu o estudo da Gruta do Caldeirão, dirigido por João Zilhão (ZILHÃO, 1985), cujos resultados foram integrados no trabalho por ele apresentado no âmbito das provas de aptidão pedagógica e capacidade científica (FLUL), dedicado à caracterização do Solutrense da Estremadura, a par do estudo de outras estações, que até então se mantinham por estudar. Este trabalho constituiu um notável impulso do conhecimento do Paleolítico Superior português, face aos elementos fragmentários até então disponíveis. Tal linha veio a ser reforçada e confirmada no doutoramento, que, mantendo idêntica área geográfica, alargou substancialmente a diacronia das estações estudadas, e contribuindo para a definição de artefactos de tipologia nova, que sustentaram a proposta de complexos industriais de carácter regional (ZILHÃO, 1997), tornando-se obra de referência para todo o Paleolítico Superior do território português.

É no âmbito desse projecto que se inicia a colaboração entre Zilhão e Anthony Marks (Southern Methodist University) e que produz efeitos em 1988, com o financiamento pela *National Science Foundation* dos EUA do projecto *The Prehistory of Portugal* (BNS-8808798), que viabilizou o desenvolvimento de trabalhos na área de Rio Maior e de Torres Novas (*cf.* Tabela 1), incluindo os trabalhos no complexo cársico do Almonda e, entre outras, nas jazidas do Paleolítico Superior de Cabeço do Porto Marinho, Areeiro, Carneira, Vale Comprido e Terra do Manuel (MARKS *et al.*, 1994; ZILHÃO *et al.*, 1995).

Tabela 1 – Fases e intervenientes principais da historiografia portuguesa do Paleolítico Superior e Mesolítico.

Fase	Data	Instituição	Arqueólogo	Cronologia	Região	Sítio Arqueológico
1	1850-1916	Comissão Geológica	Nery Delgado	Paleolítico	Cesareda	Furninha, Casa da Mouras
			Carlos Ribeiro Pereira da Costa	Mesolítico	Muge	Concheiros
2a	1916-1970	Serviços Geológicos	G. Zbyzewski Henri Breuil	Paleolítico	Costa Atlântica Vale do Tejo	
		MNA Universidade de Lisboa	Manuel Heleno	Paleolítico	Rio Maior	Casal Filipe, Terra do Manuel, Vale Comprido, Passal, Arneiro, Bocas, Vales de Sr. ^a da Luz, Vale de Porcos, Carneira, Vascas
					Cambelas	Vale Almoinha
		Universidade do Porto	Mendes Correa	Mesolítico	Muge	Concheiros
		Serviços Geológicos	Jean Roche Veiga Ferreira	Paleolítico	Estremadura	Suão, Salemas
				Mesolítico	Muge	Concheiros
		MNA Universidade de Lisboa	Manuel Heleno	Mesolítico	Sado	Concheiros
Universidade de Lisboa	Farinha dos Santos	Paleolítico	Alentejo	Escoural		
3	1970-1995	GEPP		Paleolítico	Rodão / Rio Maior	Vale de Porcos
		Universidade de Lisboa	José Arnaud	Mesolítico	Alentejo	Concheiros do Sado, Fiais
			João Zilhão	Paleolítico	Estremadura	Caldeirão, Pego do Diabo, Terra do Manuel, Vale Comprido, Vale de Porcos, Carneira, Vale Almoinha, Anecrial, Casal do Cepo
		Universidade Nova de Lisboa	João Luís Cardoso	Paleolítico	Várias regiões	Vários
		SMU	Anthony Marks	Paleolítico	Rio Maior	CPM, Gato Preto, Fonte Santa, Carneira, Sítios gravetenses da Azinheira
				Mesolítico	Rio Maior	CPM, Carneira, Areeiro
		UNM	Lawrence Straus	Paleolítico	Estremadura	
				Mesolítico	Alentejo/Algarve	
		U. Alberta	David Lubell	Mesolítico	Alentejo	Fiais
Muge	Concheiros					
4	1995-2018	Universidade de Lisboa IPA	João Zilhão	Paleolítico	Leiria	Lagar Velho
					Côa	
		IPA	Thierry Aubry	Paleolítico	Côa	
		Universidade do Algarve	Nuno Bicho	Paleolítico	Estremadura	Picareiro, CPM
					Algarve	Vale Boi
				Mesolítico	Muge	Concheiros
					Algarve	Concheiros
		U. Louisville	Jonathan Haws	Paleolítico	Estremadura	Picareiro
		U. Santander	Pablo Arias	Mesolítico	Sado	Concheiros
		Universidade de Lisboa	Mariana Diniz	Mesolítico	Sado	Concheiros
IPA/DGPC	Ana Cristina Araújo	Mesolítico	Estremadura/Sado	Concheiros		
U. Autónoma de Lisboa	José Rolão	Mesolítico	Muge	Concheiros		

Aquele financiamento apoiou também as teses de doutoramento na Southern Methodist University, Dallas, Texas, de um de nós (N.B.) (1992) e, mais tarde, de Paul Thacker (1996) e de Francisco Almeida (2000), todas sob a direcção de Anthony Marks aliás também orientador de Zilhão. Essas teses focam respectivamente, o Magdalenense e o Epipaleolítico, os padrões de povoamento do Paleolítico Superior e o Gravettense final / Proto-Solutrense da Estremadura ou de regiões nela integradas. Paralelamente à colaboração Marks-Zilhão, este último desenvolveu também trabalhos com Lawrence Straus, da University of New Mexico, Albuquerque, resultando na reescavação de várias jazidas da Estremadura, nomeadamente a gruta da Casa da Moura e o Abrigo Grande das Bocas (STRAUS *et al.*, 1988).

Simultaneamente, desenvolveram-se trabalhos no norte de Portugal, principalmente na Universidade do Minho, avultando a tese de doutoramento de José Meireles (1992) sobre as indústrias líticas do litoral minhoto (MEIRELES, 1992), a que já anteriormente se fez referência.

Importa mencionar a tese de um de nós (J.L.C.) defendida também em 1992 (CARDOSO, 1993) sobre as faunas plistocénicas portuguesas, na maioria dos casos provenientes de contextos arqueológicos, correspondendo à primeira síntese sobre os restos mamalógicos plistocénicos em Portugal, com incidência directa no conhecimento da economia alimentar das respectivas paleolíticas, algumas delas do Paleolítico Superior. Tal estudo constituiu também contribuição para a reconstituição climatológica e dos respectivos paleoambientes, numa perspectiva diacrónica, actualizando e desenvolvendo as conclusões anteriormente apresentadas por Jean Roche em 1970 (ROCHE, 1971).

No caso do Mesolítico, a formação recebida por José Arnaud, durante o período em que esteve na Universidade de Cambridge, permitiu-lhe desenvolver trabalhos inovadores do ponto de vista teórico, reanalisando dados obtidos nas fases anteriores nos concheiros de Muge e do Sado, tendo realizado escavações em alguns destes últimos concheiros (ARNAUD, 1985, 1989, 1990, 2000). Da expansão desta linha de trabalho para o litoral alentejano e costa vicentina, em colaboração com Lawrence Straus, resultou num conjunto de escavações e dados, nomeadamente datações por radiocarbono (STRAUS, 1989; STRAUS & VIERRA, 1989), tendo ainda dado origem, em 1992, à tese de doutoramento de Bradley Vierra (1995), na University of New Mexico.

Nesta fase, é de destacar ainda a participação do casal canadiano, Mary Jackes e David Lubell (*e.g.*, JACKES & LUBELL, 2012), que em colaboração com Arnaud desenvolveram um projecto sobre a neolitização da costa alentejana. Ao mesmo tempo, e juntamente com Chris Meicklejohn, procederam à datação e revisão de grandes conjuntos de restos humanos resultantes dos trabalhos de Carlos Ribeiro e de Paula e Oliveira, no século XIX, e de Jean Roche e O. da Veiga Ferreira, nas décadas de 50 e 60, bem como de Mendes Corrêa, nos concheiros do vale do Tejo. Esses trabalhos resultaram em diversas publicações internacionais, importantes para o estudo e conhecimento de diversos aspectos da antropologia física, dieta, daquelas populações, que em parte tiveram continuação pela Escola de Antropologia Física da Universidade de Coimbra.

Os trabalhos de Carlos Tavares da Silva e de Joaquina Soares, que se iniciaram antes e se desenvolveram durante e depois as intervenções acima referidas, no mesmo grande domínio litoral, conduziram à localização de várias jazidas epipaleolíticas e mesolíticas, algumas delas com escavações de vulto resultando em dados muito relevantes que, conjugados com as datações absolutas e os estudos da economia alimentar, permitiram importantes estudos de síntese sobre o Mesolítico da costa sul portuguesa (*e.g.*, SILVA & SOARES, 1981; SOARES & SILVA, 2004; SOARES, SILVA & CANILHO, 2005-2007).

5 – O VALE DO CÔA E A PLENITUDE DOS ESTUDOS DO PALEOLÍTICO SUPERIOR E DO MESOLÍTICO EM PORTUGAL (1995-2018)

A 9 de Novembro de 1994, após a exposição pública feita por Mário Varela Gomes, a arte rupestre do vale do Côa torna-se do conhecimento generalizado e, em meados de Dezembro, visitam o vale um grupo alargado de professores universitários de Arqueologia, com origem em todas as universidades portuguesas, acompanhados de especialistas estrangeiros para avaliação do potencial e da veracidade da arte de ar livre do Vale do Côa. O impacto desta visita levou, cerca de um mês depois, à formação de uma Comissão Científica Internacional (BAPTISTA & GOMES, 1995). No final de Novembro de 1995 o XIII Governo Constitucional toma posse, com António Guterres como Primeiro-Ministro. A visão política da Cultura, e especificamente do Património Arqueológico, altera-se, e desde logo é assumida a decisão política de suspender os trabalhos de construção da barragem. Pouco depois, com Manuel Maria Carrilho como Ministro da Cultura, é criado um organismo dedicado exclusivamente à tutela da Arqueologia: o Instituto Português de Arqueologia. A criação deste organismo, em parte responsabilidade de uma comissão inicialmente constituída, ainda em 1995, por Vítor Oliveira Jorge, Luiz Oosterbeek, António Carlos Silva e João Zilhão, acaba por ficar sob a direcção deste último, sendo dele a responsabilidade maior do organograma de funcionamento, bem como o desenho da política patrimonial e científica do IPA.

Dos cerca de cinco anos de funcionamento do IPA, devem notar-se três aspectos principais com impacto directo no estudo do Paleolítico Superior e do Mesolítico do território português, como aliás do Património Arqueológico em geral:

1. Uma política de protecção do património arqueológico através do desenvolvimento de um suporte legal que obriga à realização de estudos de impacto patrimonial no âmbito de obras públicas e privadas;
2. O estudo da arte do Vale do Côa e respectivo desenvolvimento de infra-estruturas locais que permitiram a efectiva investigação científica e a divulgação, protecção e valorização daquele conjunto patrimonial através da criação do Parque Arqueológico do Vale do Côa e, mais recentemente, Museu do Côa;
3. Criação de um serviço central, com diversas valências técnicas e científicas, que apoia a comunidade científica arqueológica portuguesa, o Laboratório de Arqueociências (LARC) agora integrado na Direcção Geral do Património Cultural, que assumiu a tutela da área da Arqueologia.

Depois de 1995, a investigação do Paleolítico, permitiu definir novas perspectivas de actuação, conducentes a resultados com impacto internacional, mercê da preparação científica adequada de um conjunto já relevante de investigadores. Estes resultados, com implicações ao nível de novos modelos evolucionários relativos ao Paleolítico Médio e Paleolítico Superior, devem-se essencialmente aos trabalhos das equipas:

- de Thierry Aubry, na região do Côa (em colaboração com João Zilhão) e de Coimbra, respectivamente com jazidas de ar livre como é o caso da Quinta da Barca Sul, Olga Grande, Fariseu e Cardina, e de gruta ou abrigo sob rocha nomeadamente das Grutas da Buraca Grande e Buraca Escura (*e.g.*, AUBRY, 1998, 2009; AUBRY *et al.*, 2001; AUBRY *et al.*, 2010, 2011; AUBRY, ZILHÃO & ALMEIDA, 2007).
- de João Zilhão, sobre datação de arte rupestre da Península Ibérica, no complexo cársico do Almonda (de que se destacam os trabalhos na Gruta da Oliveira e da Gruta da Aroeira), na Gruta da Figueira Brava, no Abrigo do Lagar Velho (descoberto em 1999 e com impacto mundial devido à presença única na Península Ibérica de uma sepultura de criança com cerca de 25 mil anos, representando o que vários

investigadores acreditam ser um dos raríssimos exemplos de miscigenação entre Neandertais e *Homo sapiens sapiens*), e mais recentemente na região de Múrcia, Espanha, com jazidas como Abrigo de La Boja, Cueva Antón, e Finca Doña Martina, referenciando não só o Paleolítico Médio, mas também toda a seqüência regional do Paleolítico Superior (e.g., ANGELUCCI & ZILHÃO, 2009; LUCENA *et al.*, 2012; PIKE *et al.*, 2012; ZILHÃO *et al.*, 2010 a, 2017).

- de Jonathan Haws, com a escavação da Lapa do Picareiro, Alcanena (a partir de 2005, uma vez que os trabalhos na viragem do milénio foram da coordenação de um de nós, N.B.), Mira Nascente, Nazaré, e Praia Rei Cortiço, Óbidos (e.g., BICHO *et al.*, 2015b; HAWS, 2012; HAWS *et al.*, 2010, 2011; MINCKLEY *et al.*, 2015), elementos fundamentais para uma nova perspectiva da emergência do Paleolítico Superior em Portugal;
- de um de nós (N. B.), com a escavação de Vale Boi e os trabalhos desenvolvidos em Moçambique desde 2011 (e.g., BICHO, CASCALHEIRA & GONÇALVES, 2017; BICHO *et al.*, 2013 a, 2015 a, 2017; CASCALHEIRA & BICHO, 2015; GONÇALVES *et al.*, 2016; TÁTÁ *et al.*, 2014).

No que respeita ao Mesolítico, esta fase da história das investigações correspondeu também a um crescimento marcado, com o desenvolvimento de um conjunto de projectos de longa duração. Paralelamente ao trabalho de várias décadas de Ana Cristina Araújo (e.g., ARAÚJO, 2015; GUTIÉRREZ-ZUGASTI *et al.*, 2011), que culmina com a sua tese de doutoramento em 2012 e que se centra principalmente no Holocénico inicial da Estremadura, José Rolão desenvolveu os seus próprios trabalhos em vários concheiros das ribeiras de Muge e de Magos (Cabeço da Amoreira, Cabeço da Arruda e Cabeço do Mórros) entre 1999 e 2001, e que resultaram no trabalho da sua tese de doutoramento (ROLÃO, 1999; ROLÃO, JOAQUINITO & GONZAGA, 2006; VAN DER SCHRIEK *et al.*, 2008).

Em 2007, Cleia Detry orientada por um de nós (J.L.C.), concluiu a sua tese de doutoramento, constituindo o segundo estudo arqueozoológico a este nível defendido em Portugal, intitulado “Paleoecologia e Paleoconomia do baixo Tejo no Mesolítico Final: O contributo dos Mamíferos dos concheiros de Muge”, recorrendo para tal aos espólios conservados quer em Lisboa, no Museu Geológico, quer na Faculdade de Ciências do Porto (DETRY, 2007). Do trabalho então iniciado, resultou a identificação, nas colecções do Museu Geológico do LNEG de um esqueleto quase completo de um cão doméstico, recolhido no Cabeço da Arruda nas escavações do século XIX e que se manteve inédito. Embora a espécie *Canis familiaris* L. já tivesse sido referenciada por Francisco de Paula e Oliveira, nos concheiros de Muge, com base no tamanho de algumas mandíbulas por ele observadas, considerou-a selvagem pelo facto de os ossos de outros mamíferos utilizados na alimentação não se encontrarem roídos, o que indicaria que tais animais não eram comensais do homem (OLIVEIRA, 1888-1889). Hoje, sabe-se que tal hipótese não se justifica, até pela ocorrência do referido esqueleto, cuja conservação só foi possível devido ao enterramento intencional do animal, o primeiro que no território português se identificou (DETRY & CARDOSO, 2010).

É também desta fase que se desenvolve o trabalho doutoral de Cláudia Umbelino sobre as dietas das comunidades humanas mesolíticas do vale do Tejo e do Sado, com aspectos inéditos em Portugal, como é o caso dos estudos dos isótopos e oligoelementos para reconstrução das dietas humanas (UMBELINO, 2006).

Desde 2008 que uma nova equipa, liderada por um de nós (N.B.), desenvolve escavações e sondagens nos concheiros do Cabeço da Amoreira e do Cabeço da Arruda, Muge. Esse trabalho assenta num novo projecto de carácter multidisciplinar, que proporcionou novas perspectivas sobre a ocupação mesolítica dos concheiros de Muge (e.g., ALDEIAS & BICHO, 2016; ANDRÉ & BICHO, 2016; BICHO *et al.*, 2010, 2011, 2013 a; DIAS, DETRY & BICHO, 2016; GONÇALVES *et al.*, 2014; PRICE, 2015; UMBELINO *et al.*, 2015).

Paralelamente aos trabalhos em Muge, Pablo Arias, em colaboração com Mariana Diniz e Ana Cristina Araújo, iniciam também novas investigações no Vale do Sado, em alguns dos concheiros anteriormente escavados por Arnaud e Heleno. Os resultados produziram dados importantes, nomeadamente sobre a cronologia absoluta e a relação com as comunidades neolíticas (*e.g.*, ARIAS *et al.*, 2015; DINIZ & CUBAS, 2015).

Durante a presente fase, para além dos acontecimentos de grande impacto na Arqueologia portuguesa (*i.e.*, a descoberta da arte do vale do Côa, as alterações na tutela governamental com a criação do IPA, a descoberta do chamado Menino do Lapedo, e o desenvolvimento de grandes projectos multidisciplinares), deu-se ainda um aumento significativo a nível académico com a obtenção de variados doutoramentos, quer em Portugal, quer em França e nos EUA (*cf.* Figura 1). Esse desenvolvimento vê-se a partir da geração que termina os seus doutoramentos entre 1992 e 1995, nomeadamente Bicho, Cardoso e Zilhão, que influenciam directa e indirectamente a maior parte dos jovens investigadores que terminam os seus trabalhos doutorais até 2018. Neste contexto, parece relevante notar-se que a influência da escola francesa perde importância, a favor da escola norte-americana, que passa ser a responsável pela maior parte das teses de doutoramento sobre Paleolítico Superior e Mesolítico do território português a partir de 1992, principalmente através da Universidade do Algarve, cuja escola se especializou nestes períodos.

Ainda sobre este tema, é necessário fazer-se um apontamento sobre a diversidade de temáticas destas teses doutorais: nos últimos 10 anos, os temas diversificaram-se claramente, a partir de temas mais tradicionais como é o caso dos estudos de indústrias líticas (*e.g.*, as teses de João Cascalheira e Telmo Pereira) ou da zooarqueologia de mamíferos, através de novas especialidades como a esclerocronologia (Rita Dias) e a zooarqueologia de peixes (Sónia Gabriel), a antracologia (Patrícia Monteiro), a micromorfologia (Vera Aldeias), a traceologia (Marina Igreja e João Marreiros), os sistemas de informação geográfica (Célia Gonçalves), ou a tecnologia de indústrias ósseas (Marina Évora). A tendência parece ser para que esta diversificação aumente ainda mais nos próximos anos, integrada em projectos cada vez mais interdisciplinares e internacionais, a partir das várias universidades e unidades de investigação.

6 - CONCLUSÕES

No presente ensaio apresenta-se uma proposta, de entre outras possíveis, de organização historiográfica da Arqueologia do Paleolítico Superior e do Mesolítico em Portugal. Não foi intenção dos autores apresentar um trabalho minucioso, caracterizando cada um dos conteúdos apresentados nas largas dezenas de trabalhos compulsados. Tal seria não só de difícil concretização, mas até contraproducente, porque, como se afirmou na introdução, há já diversas publicações especialmente sobre a época mais recuada destes estudos no nosso País. O propósito foi o de traçar as linhas principais de desenvolvimento epistemológico da arqueologia do Paleolítico Superior e do Mesolítico, apresentado os respectivos contributos mais relevantes e a correspondente referência bibliográfica, para assim ser possível aprofundar a informação, por quem o deseje fazer.

Nas quatro fases aqui enunciadas, é visível que Portugal seguiu as tendências internacionais e em muitos casos participou até dos grandes debates internacionais, como seja os casos, entre outros, do homem terciário ainda no século XIX, ou nas questões da expansão da nossa espécie, quer no território europeu e nacional, quer em África, ambos já no presente século.

Na investigação, bem como na formação dos jovens na área da Pré-história antiga, pode observar-se uma tendência de mudança da esfera de influência da escola francófona, que dominou até finais da década de 1970, para a esfera anglo-saxónica a partir dessa data. Esta transferência, que se revela pelo crescente interesse pela estrutura teórica e metodológica da Nova Arqueologia durante os anos 70 e pela abertura da

REFERÊNCIAS

- ABRUNHOSA, A. (2015) – The Archaeological Excavations at Muge Shell Middens in the 1930's: A New Contribution to the History of its Investigation. In BICHO, N., DETRY, C., PRICE, T. D., CUNHA, E. (eds.) – *Muge 150th: the 150th Anniversary of the Discovery of Mesolithic Shellmiddens*. Cambridge: Cambridge Scholars Publishing, p. 19-32.
- ALDEIAS, V. & BICHO, N. (2016) – Embedded Behavior: human activities and the construction of the Mesolithic shellmound of Cabeço da Amoreira (Muge, Portugal). *Geoarchaeology*, 31, p. 530-549.
- ALMEIDA, F. (2000) – *The terminal Gravettian of Portuguese Estremadura: technological variability of the lithic industries*. Tese de doutoramento, Dallas: Southern Methodist University.
- ALMEIDA, F., SANTOS, M. F., ROCHE, J. & FERREIRA, O. V. (1970) – Notícia preliminar sobre as escavações na Lapa da Rainha (Vimeiro). *I Jornadas Arqueológicas (Lisboa, 1969)*. Actas. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, 1, p. 273-279.
- ANDRÉ, L. & BICHO, N. (2016) – Perforation techniques and traces of use on the Mesolithic adornments of the Trench Area at Cabeço da Amoreira Shellmidden (Muge, central Portugal). *Comptes Rendus Palevol.*, 15 (5), p. 569-580.
- ANGELUCCI, D. E. & ZILHÃO, J. (2009) – Stratigraphy and formation processes of the Upper Pleistocene deposit at Gruta da Oliveira, Almonda karstic system, Torres Novas, Portugal. *Geoarchaeology*, 24, p. 277-310.
- ARAÚJO, A. C. (2012) – *Une histoire des premières communautés mésolithiques au Portugal*. Tese de doutoramento. Paris: Université de Paris 1.
- ARAÚJO, A. C. (2015) – A few steps backwards... in search of the origins of the Late Mesolithic. In BICHO, N., DETRY, C., PRICE, T. D., CUNHA, E. (eds.) – *Muge 150th: the 150th Anniversary of the Discovery of Mesolithic Shellmiddens*. Cambridge: Cambridge Scholars Publishing, p. 1-16.
- ARIAS, P., DINIZ, M., ARAÚJO, A. C., ARMENDARIZ, A. & TEIRA, L. (2015) – At the Edge of the Marshes: New Approaches to the Sado Valley Mesolithic (Southern Portugal). In BICHO, N., DETRY, C., PRICE, T. D., CUNHA, E. (eds.) – *Muge 150th: the 150th Anniversary of the Discovery of Mesolithic Shellmiddens*. Cambridge: Cambridge Scholars Publishing, p. 301-320.
- ARNAUD, J. (1982) – Néolithique ancien et processus de néolithisation dans le sud du Portugal. *Archéologie en Languedoc Actes du Colloque International de Préhistoire*. Bordéus, p. 29-48.
- ARNAUD, J. M. (1985) – Mesolithic in Portugal: a report on recent research. *Mesolithic Miscellany*, 6, p. 11-15.
- ARNAUD, J. M. (1989) – The mesolithic communities of the Sado valley, Portugal, in their ecological stting. In BONSALL, C. (ed.) – *The Mesolithic in Europe: Papers Presented at the Third International Symposium, Edinburgh, 1985*. Edinburgh: John Donald, p. 614-631.
- ARNAUD, J. M. (1990) – Le substrat mésolithique et le processus de néolithisation dans le sud du Portugal. In CAHEN, D. & OTTE, M. (ed.) *Rubabé et Cardial, actes du colloque de Liège*. Liège: Université de Liège, p. 437-446.
- ARNAUD, J. M. (2000) – Os concheiros mesolíticos do vale do Sado e a exploração dos recursos estuarinos (nos tempos pré-históricos e na actualidade). In *Encontro sobre Arqueologia da Arrábida*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, p. 21-43 (Trabalhos de Arqueologia 14).
- ATAÍDE, A. (1940) – Novos esqueletos humanos dos concheiros mesolíticos de Muge. *Congresso do Mundo Português. 1 – Memórias e comunicações apresentadas ao Congresso de Pré e Proto-História (I Congresso)*. Lisboa: Comissão Executiva dos Centenários, p. 629-651.

- AUBRY, T. (1998) – Olga Grande 4: uma sequência do Paleolítico superior no planalto entre o Rio Côa e a Ribeira de Aguiar. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 1, p. 5-26.
- AUBRY, T. (2009) – *200 séculos da história do Vale do Côa: incursões na vida quotidiana dos caçadores-artistas do Paleolítico*. Lisboa, Ministério da cultura, Instituto de gestão do património arquitectónico e arqueológico: Côa Museu.
- AUBRY, T., BRUGAL, J. P., CHAUVIÈRE, F. X., FIGUEIRAL, I., MOURA, M. & PLISSON, H. (2001) – Modalités d'occupations au Paléolithique supérieur dans la grotte de Buraca Escura (Redinha, Pombal, Portugal). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 4, p. 19-46.
- AUBRY, T., ZILHÃO, J. & ALMEIDA, F. (2007) – A propos de la variabilité technique et culturelle de l'entité gravettienne au Portugal: bilan des dernières découvertes et perspectives de recherche. *PALEO. Revue d'Archéologie Préhistorique*, 19, p. 53-72.
- AUBRY, T., DIMUCCIO, L. A., BERGADÀ, M. M., SAMPAIO, J. D. & SELLAMI, F. (2010) – Paleolithic engravings and sedimentary environments in the Côa River Valley (Portugal): implications for the detection, interpretation and dating of open-air rock art. *Journal of Archaeological Science*, 37, p. 3306-3319.
- AUBRY, T., DIMUCCIO, L. A., ALMEIDA, M., NEVES, M. J., ANGELUCCI, D. E. & CUNHA, L. (2011) – Palaeoenvironmental forcing during the Middle-Upper Palaeolithic transition in central-western Portugal. *Quaternary Research*, 75, p. 66-79.
- BAPTISTA, A. M. & GOMES, M. V. (1995) – Arte rupestre do Vale do Côa. Canada do Inferno. Primeiras impressões. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 35, p. 49-422.
- BICHO, N. (1992) – *Technological change in the Final Upper paleolithic of Rio Maior, Portuguese Estremadura*. Tese de doutoramento. Dallas: Southern Methodist University.
- BICHO, N. & CARDOSO, J. L. (2010) – Paleolithic occupations and lithic assemblages from Furninha Cave, Peniche (Portugal). *Zephyrus*. Salamanca. 66, p. 7-38.
- BICHO, N. & RAPOSO, L. (2013) – Aspectos metodológicos do seu ensino. In CARDOSO, J. L. (ed.), *Manuel Heleno. Pioneiro do ensino e da investigação arqueológica em Portugal*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, p. 29-36.
- BICHO, N., CASCALHEIRA, J. & GONÇALVES, C. (2017) – Early Upper Paleolithic colonization across Europe: Time and mode of the Gravettian diffusion. *PLoS One*, 12, e0178506.
- BICHO, N., UMBELINO, C., DETRY, C. & PEREIRA, T. (2010) – The Emergence of Muge Mesolithic Shell Middens in Central Portugal and the 8200 cal yr BP Cold Event. *The Journal of Island and Coastal Archaeology*, 5, p. 86-104.
- BICHO, N., CASCALHEIRA, J., MARREIROS, J. & PEREIRA, T. (2011) – The 2008-2010 excavations of Cabeço da Amoreira, Muge, Portugal. *Mesolithic Miscelanny*, 21, p. 3-13.
- BICHO, N., CASCALHEIRA, J., MARREIROS, J., GONÇALVES, C., PEREIRA, T. & DIAS, R. (2013) – Chronology of the Mesolithic occupation of the Muge valley, central Portugal: The case of Cabeço da Amoreira. *Quaternary International*, 308-309, p. 130-139.
- BICHO, N., MANNE, T., MARREIROS, J., CASCALHEIRA, J., PEREIRA, T., TÁTÁ, F., ÉVORA, M., GONÇALVES, C. & INFANTINI, L. (2013b) – The ecodynamics of the first modern humans in Southwestern Iberia: The case of Vale Boi, Portugal. *Quaternary International*, 318, p. 102-116.
- BICHO, N., HAWS, J., RAJA, M., MADIME, O., GONÇALVES, C., CASCALHEIRA, J., BENEDETTI, M., PEREIRA, T. & ALDEIAS, V. (2015 a) – Middle and Late Stone Age of the Niassa region, northern Mozambique. Preliminary results. *Quaternary International*, 404, Part B, p. 87-99.
- BICHO, N., MARREIROS, J., CASCALHEIRA, J., PEREIRA, T. & HAWS, J. (2015 b) – Bayesian modeling and the chronology of the Portuguese Gravettian. *Quaternary International*, 359-360, p. 499-509.

- BICHO, N., CASCALHEIRA, J., MARREIROS, J. & PEREIRA, T. (2017) – Rapid climatic events and long term cultural change: The case of the Portuguese Upper Paleolithic. *Quaternary International*, 428, Part B, p. 3-16.
- BREUIL, H. (1918) – Impressions de voyage paléolithique à Lisbonne. *Terra Portuguesa*. Lisboa. 13-14, p. 17-26.
- BREUIL, H. (1949) – *Beyond the bounds of History*. London: P. R. Gawthorn.
- BREUIL, H. & ZBYSZEWSKI, G. (1942) – Contribution à l'étude des industries Paléolithiques du Portugal et de leurs rapports avec la géologie du Quaternaire, *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 23.
- BREUIL, H. & ZBYSZEWSKI, G. (1945) – Contribution à l'étude des industries Paléolithiques du Portugal et de leurs rapports avec la géologie du Quaternaire. Les principaux gisements des plages quaternaires du littoral d'Estremadura et des terraces de basse vallée du Tage. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 26.
- BREUIL, H. & ZBYSZEWSKI, G. (1946) – Contribution à l'étude des industries paléolithiques des plages quaternaires de l'Alentejo littoral. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 27, p. 269-334.
- BREUIL, H. & ZBYSZEWSKI, G. (1947) – Révision des industries mésolithiques de Muge et de Magos (collections des Services Géologiques du Portugal). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 28, p. 148-196.
- BREUIL, H., RIBEIRO, O. & ZBYSZEWSKI, G. (1943) – Les plages quaternaires et les industries préhistoriques du littoral de l'Alentejo entre Sines et Vila Nova de Milfontes. *4.º Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências (Porto, 1942), 7.ª Secção – Ciências Históricas e Filológicas*. Porto: Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências, p. 48-62.
- BREUIL, H., VAULTIER, M. & ZBYSZEWSKI, G. (1943) – Première prospection paléolithique en Algarve. *4.º Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências (Porto, 1942), 7.ª Secção – Ciências Históricas e Filológicas*. Porto: Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências, p. 63-75.
- BREUIL, H., PAÇO, A., RIBEIRO, O., ROCHE, J., VAULTIER, J., FERREIRA, O. V. & ZBYSZEWSKI, G. (1962) – Les industries paléolithiques des plages quaternaires du Minho (la station de Carreço). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 46, p. 53-131.
- CARDOSO, J. L. (1993) – *Contribuição para o conhecimento dos grandes mamíferos do Plistocénico Superior de Portugal*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras.
- CARDOSO, J. L. (1995) – Novas escavações na gruta da Ponte da Lage (Oeiras). Revisão dos materiais paleolíticos. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 5, p. 49-66.
- CARDOSO, J. L. (1997) – Reconhecidos a Georges Zbyszewski (palavras proferidas na sessão inaugural). *Actas do I Encontro de Arqueologia da Costa Sudoeste – homenagem a Georges Zbyszewski (Sagres, 15 a 17 de Novembro de 1991). Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 11-12, p. 9-16.
- CARDOSO, J. L. (1999) – O Professor Mendes Corrêa e a Arqueologia portuguesa. *Al-madan*. Almada. Série II, 8, p. 138-156.
- CARDOSO, J. L. (1999-2000 a) – As investigações de Carlos Ribeiro e de Nery Delgado sobre o “Homem Terciário”: resultados e consequências na época e para além dela. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 8, p. 33-54.
- CARDOSO, J. L. (1999-2000 b) – Georges Zbyszewski (1909-1999). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 8, p. 9-20.
- CARDOSO, J. L. (2001-2002 a) – Correspondência anotada de Abel Viana e O. da Veiga Ferreira. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 10, p. 415-608.
- CARDOSO, J. L. (2001-2002 b) – Elogio do Prof. Doutor Manuel Farinha dos Santos. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 10, p. 11-37.

- CARDOSO, J. L. (2006) – Arqueólogos portugueses nas Astúrias nos inícios do século XX. Uma contribuição para a História da Arqueologia peninsular. *Colóquio “Astúrias e Portugal. Relações históricas e culturais” (Lisboa, 2005)*. Actas. Lisboa: Academia Portuguesa da História, p. 191-233.
- CARDOSO, J. L. (2007) – *Pré-História de Portugal*. Lisboa: Universidade Aberta.
- CARDOSO, J. L. (2008 a) – Joaquim Felipe Nery Delgado, arqueólogo. In RAMALHO, M. (ed.) – *Nery Delgado (1835-1908), Geólogo do Reino*. Lisboa: Museu Geológico (LNEG), p. 65-81.
- CARDOSO, J. L. (2008 b) – O. da Veiga Ferreira (1917-1997): sua vida e obra científica. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 16, p. 13-123.
- CARDOSO, J. L. (2008 c) – Correspondência seleccionada enviada a O. da Veiga Ferreira: cinquenta anos de actividade arqueológica (1946-1995). *Homenagem a Octávio da Veiga Ferreira. Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 16, p. 383-751.
- CARDOSO, J. L. (2010-2011) – O Professor Mendes Corrêa (1888-1960) e as investigações sobre o *Homo afer taganus* dos concheiros mesolíticos de Muge. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 18, p. 631-656.
- CARDOSO, J. L. (2013 a) – Carlos Ribeiro, a “Breve notícia acerca do terreno quaternario de Portugal” e a questão do Homem terciário em Portugal. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 20, p. 27-88.
- CARDOSO, J. L. (2013 b) – Carlos Ribeiro e o reconhecimento do Solo Quaternário do vale do Tejo: enquadramento geológico dos concheiros mesolíticos das ribeiras de Magos e de Muge. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 20, p. 89-100.
- CARDOSO, J. L. (2013 c) – O Professor de Arqueologia e de Pré-História (1923-1964). In CARDOSO, J. L. (ed.) – *Manuel Heleno pioneiro do ensino e da investigação arqueológica em Portugal (1923-1964)*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia/Imprensa Nacional-Casa da Moeda, p. 17-28.
- CARDOSO, J. L. (2014) – Abel Viana (1896-1964): uma vida de arqueólogo. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 21, p. 475-510.
- CARDOSO, J. L. (2015 a) – Carlos Ribeiro and Francisco António Pereira da Costa: dawn of the Mesolithic shellmiddens of Muge (Salvaterra de Magos). In BICHO, N., DETRY, C., PRICE, T. D., CUNHA, E. (eds.) – *Muge 150th: the 150th Anniversary of the Discovery of Mesolithic Shellmiddens*. Cambridge: Cambridge Scholars Publishing, p. 1-18.
- CARDOSO, J. L. (2015 b) – A investigação da antiguidade do Homem no Portugal de Oitocentos: um contributo para a História da Ciência. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 22, p. 9-42.
- CARDOSO, J. L. (2015 c) – Carlos Ribeiro (1813-1882), as formações quaternárias portuguesas e a antiguidade do Homem: um manuscrito desconhecido. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 22, p. 43-92.
- CARDOSO, J. L. (2015 d) Carlos Ribeiro (1813-1882), a segunda parte da “Descrição do solo quaternário das bacias hydrographicas dos rios Tejo e Sado”, o “Homem terciário” e os concheiros mesolíticos do vale do Tejo. *CuPAUAM-Cuadernos de Prehistoria y Arqueología*. Madrid. 41, p. 13-22.
- CARDOSO, J. L. (2016) – Henri Breuil e a arqueologia portuguesa: primórdios de uma longa actuação. *Al-Madan*, Almada. 20, p.197-203.
- CARDOSO J. L. & COITO, L. C. (2014-2015) – Correspondência de Abel Viana a José Leite de Vasconcelos: do mérito ao reconhecimento. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série V, 4/5, p. 21-83.
- CARDOSO J. L. & FERREIRA, O. V. (1992) – A ocupação epipaleolítica de Penha Verde (Sintra). *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 9-10, p. 7-16.
- CARDOSO, J. L. & GOMES, M. V. (1997) – Caracterização do machado mirenses. Os materiais de Monte dos Amantes (Vila do Bispo, Algarve). *Actas do I Encontro de Arqueologia da Costa Sudoeste. Volume de homenagem a Georges Zbyszewski (Sagres, 1991)*. Setúbal Arqueológica. Setúbal. 11-12, p. 121-146.

- CARDOSO, J. L. & GONÇALVES, F. (1992) – *Notícia Explicativa da Carta Geológica de Portugal à escala de 1/50000. Folha 39-D (Torrão)*. Arqueologia. Lisboa. Serviços Geológicos de Portugal, p. 74-81.
- CARDOSO, J. L. & MELO, A. A. (2005) – Correspondência de Joaquim Fontes (1892-1960). Contributos para a História da Arqueologia peninsular. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 13, p. 145-321.
- CARDOSO, J. L. & PENALVA, C. (1978) – Resumo histórico da actividade arqueológica na Europa Ocidental. *Ciência*. Lisboa. S. III, 3-4, p. 27-31.
- CARDOSO, J. L. & ROLÃO, J. M. (1999/2000) – Prospecções e escavações nos concheiros mesolíticos de Muge e de Magos (Salvaterra de Magos): contribuição para a história dos trabalhos arqueológicos efectuados. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, Oeiras, 8, p. 83-240.
- CASCALHEIRA, J. & BICHO, N. (2015) – On the Chronological Structure of the Solutrean in Southern Iberia. *PLoS One*, 10, e0137308.
- CLARKE, D. L. (1968) – *Analytical archaeology*. Londres: Routledge.
- CORCHON, M. S. & CARDOSO, J. L. (2005) – Reflexiones sobre el Solutrense portugués: a propósito de la industria Paleolítico Superior de Correu-Mor (Loures). *Zephyrus*. Salamanca, 58, p. 88-110.
- CORRÊA, A. A. M. (1919) – Origins of the Portuguese. *American Journal of Physical Anthropology*, 2 (2), p. 117-145.
- CORRÊA, A. A. M. (1933) – Les nouvelles fouilles à Muge (Portugal). *XV Congrès International d'Anthropologie et d'Archéologie Préhistorique (Paris, 1931)*. Actas. Paris: Nourry, p. 357-372.
- CORRÊA, A. A. M. (1934) – Novos elementos para a cronologia dos concheiros de Muge. *Anais da Faculdade de Ciências do Porto*. Porto. 18 (3), p. 154-159.
- CORRÊA, A. A. M. (1936) – A propósito do *Homo taganus*. Africanos em Portugal. *Boletim da Junta Geral de Santarém*. 6 (43), p. 37-55.
- CORRÊA, A. A. M. (1951) – Reverendo P.^e Eugénio Jalhay, S.J. *Arqueologia e História*. Lisboa. Série VIII, 5, p. 67-82.
- CORRÊA, A. A. M. (1956) – Notice préliminaire sur les squelettes préhistoriques de Moita de Sebastião (Muge). *IV Congreso Internacional de Ciencias Prehistóricas y Protohistóricas (Madrid, 1954)*. Actas. Zaragoza, p. 133-139.
- COSTA, F. A. P. (1865) – *Da existencia do Homem em epochas remotas no valle do Tejo. Primeiro opusculo. Noticia sobre os esqueletos humanos descobertos no Cabeço da Arruda*. Lisboa: Comissão Geológica de Portugal.
- DELGADO, J. F. N. (1867) – *Da existencia do homem no nosso solo em tempos mui remotos provada pelo estudo das cavernas: noticia ácerca das Grutas de Cesareda*. Lisboa: Comissão Geológica de Portugal.
- DELGADO, J. F. N. (1884) – *La grotte de Furninha a Peniche. Congrès International d'Anthropologie et d'Archéologie Préhistoriques. IX Session (Lisboa, 1880)*. Actas. Lisboa: Typographie de l'Academie Royale des Sciences, p. 207-278.
- DETRY, C. & CARDOSO, J. L. (2010) – On some remains of dog (*Canis familiaris*) from the Mesolithic shell-middens of Muge, Portugal. *Journal of Archaeological Science*, 37, p. 2762-2774.
- DIAS, R., DETRY, C. & BICHO, N. (2016) – Changes in the exploitation dynamics of small terrestrial vertebrates and fish during the Pleistocene-Holocene transition in the SW Iberian Peninsula: A review. *The Holocene*, 26 (6), p. 964-984.
- DINIZ, M. & CUBAS, M. (2015) – Pots for thought: Neolithic pottery in Sado Mesolithic shell middens. In BICHO, N., DETRY, C., PRICE, T. D., CUNHA, E. (eds.) – *Muge 150th: the 150th Anniversary of the Discovery of Mesolithic Shellmiddens*. Cambridge: Cambridge Scholars Publishing, p. 375-394.
- FEREMBACH, D. (1974) – *Le gisement mésolithique de Moita do Sebastião. II – Anthropologie*. Lisboa: Direcção-Geral dos Assuntos Culturais.

- FERREIRA, O. V. (1962) – O Solutrense em Portugal. *26.º Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências (Porto, 1962). Secção VII – História e Arqueologia*. Porto: Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências, p. 229-234.
- FERREIRA, O. V. & LEITÃO, M. (s/d) – *Portugal Pré-histórico. Seu enquadramento no Mediterrâneo*. Mem Martins: Europa-América.
- FONTES, J. (1925) – Estação paleolítica de Camposancos (Pontevedra-Espanha). *Brotéria*. Caminha. 1 (1), p. 7-26.
- FORMOSINHO, J.; VAULTIER, M. & ZBYSZEWSKI, G. (1945-1946) – Nouvelles découvertes paléolithiques en Algarve. *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*. Porto. 10 (3/4), p. 185-198.
- GEPP (1979) – Loures. *Informação Arqueológica*. Lisboa, 1, p. 22-23.
- GOMES, M. V. (2010) – *Arte Rupestre do Vale do Tejo. Um ciclo artístico-cultural Pré e Proto-histórico*. Tese de doutoramento. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa.
- GOMES, M. V., SANTOS, M. F. & CARDOSO, J. L. (1990) – Artefactos do Paleolítico Superior da gruta Escoural (Montemor-o-Novo, Évora). *Almonsor*, 8, p. 15-36.
- GONÇALVES, C., CASCALHEIRA, J. & BICHO, N. (2014) – Shellmiddens as landmarks: Visibility studies on the Mesolithic of the Muge valley (Central Portugal). *Journal of Anthropological Archaeology*, 36, p. 130-139.
- GONÇALVES, C., RAJA, M., MADIME, O., CASCALHEIRA, J., HAWS, J., MATOS, D. & BICHO, N. (2016) – Mapping the Stone Age of Mozambique. *African Archaeological Review*, 33, p. 1-12.
- GUTIÉRREZ-ZUGASTI, I., ANDERSEN, S. H., ARAÚJO, A. C., DUPONT, C., MILNER, N. & MONGE-SOARES, A. (2011) – Shell midden research in Atlantic Europe: State of the art, research problems and perspectives for the future. *Quaternary International*, 239, p. 70-85.
- HARLÉ, E. (1909) – Faune de la grotte à Hyènes rayées de Furninha et d'autres grottes du Portugal. *Bull. Soc. Géol. Fr.*, Série IV, 9, p. 85-99.
- HARLÉ, E. (1910-1911) – Les mammifères et oiseaux quaternaires connus jusqu'ici en Portugal: mémoire suivi d'une liste générale de ceux de la Péninsule Ibérique. *Comunicações da Comissão do Serviço Geológico de Portugal*. Lisboa. 8, p. 22-85.
- HAWS, J. A. (2012) – Palaeolithic socionatural relationships during MIS 3 and 2 in central Portugal. *Quaternary International*, 264, p. 61-77.
- HAWS, J. A., BENEDETTI, M. M., FUNK, C. L., BICHO, N. F., DANIELS, J. M., HESP, P. A., MINCKLEY, T. A., FORMAN, S. L., JERAJ, M., GIBAJA, J. F. & HOCKETT, B. S. (2010) – Coastal wetlands and the Neanderthal settlement of Portuguese Estremadura. *Geoarchaeology*, 25, p. 709-744.
- HAWS, J. A., FUNK, C. L., BENEDETTI, M. M., BICHO, N. F., DANIELS, J. M., MINCKLEY, T. A., DENNISTON, R. F., JERAJ, M., GIBAJA, J. F. & HOCKETT, B. S. (2011) – Paleolithic landscapes and seascapes of the west coast of Portugal. In BICHO, N., HAWS, J., DAVIS, S. (eds.) – *Trekking the Shore*. Nova Iorque: Springer, p. 203-246.
- HELENO, M. (1948) – O problema capsense; contribuição portuguesa para a sua revisão. *Ethnos*. Lisboa. 3, p. 475-483.
- HELENO, M. (1956) – Um quarto de século de investigação arqueológica. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série II, 3, p. 3-19.
- JACKES, M. & LUBELL, D. (2012) – Mortuary archaeology of the Muge shell middens. In CARVALHO, A. & GIBAJA, J. (eds.) – *Funerary Practices in the Iberian Peninsula from the Mesolithic to the Chalcolithic*. Oxford: BAR, p. 67-76.
- JALHAY, E. (1925) – El Asturiense en Galicia. *Boletín Arqueológico de la Comisión Provincial de Monumentos Históricos y Artísticos de Orense*. Orense. 7 (165), p. 341-354.

- JALHAY, E. & PAÇO, A. (1940) – Páleo e Mesolítico português. *Anais*. Lisboa. 4, p. 13-101.
- JORGE, S. O., JORGE, V. O., ALMEIDA, C. A. F., SANCHES, M. J. & SOEIRO, T. (1981) – Gravuras rupestres de Mazouco (Freixo de Espada à Cinta). *Arqueologia*. Porto. 3, p. 3-12.
- LUCENA, A., MARTÍNEZ, S., ANGELUCCI, D., BADAL, E., VILLAVERDE, V., ZAPATA, J. & ZILHÃO, J. (2012) – Las ocupaciones solutrense del abrigo de La Boja (Mula, Murcia, España). *Espacio, Tiempo y Forma*, 5, p. 447-454.
- MARKS, A.E., BICHO, N., ZILHÃO, J. & REID FERRING, C. (1994) – Upper Pleistocene prehistory in Portuguese Estremadura: results of preliminary research. *Journal of Field Archaeology*, 21, p. 53-68.
- MEIRELES, J. (1992) – *As indústrias líticas pré-históricas do litoral minhoto: contexto cronoestratigráfico e paleo-ambiental*. Tese de doutoramento. Braga: Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho (Cadernos de Arqueologia. Monografias).
- MELO, A. A. & CARDOSO, J. L. (2014) – Virgínia Rau. Uma medievalista na Pré-História. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 21, p. 511-546.
- MINCKLEY, T., HAWS, J., BENEDETTI, M. M., BREWER, S. & FORMAN, S. (2015) – Last interglacial vegetation and climate history from the Portuguese coast. *Journal of Quaternary Science*, 30, p. 59-69.
- OLIVEIRA, F. P. (1884) – Notes sur les ossements humains qui se trouvent dans le Musée de la Section Géologique de Lisbonne. *Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Pré-Históricas. IX Sessão (Lisboa, 1880)*. Actas. Lisboa: Tipografia da Academia Real das Ciências de Lisboa, p. 291-306.
- OLIVEIRA, F. P. (1888-1889) – Nouvelles fouilles faites dans les Kioekkenmoeddings de la vallée du Tage. *Comunicações da Comissão dos Trabalhos Geológicos de Portugal*. Lisboa. 2 (1), p. 57-81.
- OLLIVIER, J. (1943-1944) – Les gisements paléolithiques de Santa Cruz (Torres Vedras). *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*. Porto. 10 (2), p. 97-112
- OLLIVIER, J. (1947) – Le Paléolithique supérieur au Portugal. Un problème actuellement résolu. *Bulletin de Études Portugaises et de l'Institut Français au Portugal*. Coimbra. 11 (separata de 10 p.).
- PENALVA, C. & RAPOSO, L. (1987) – Notícia dos trabalhos de campo no sítio de Palheirões do Alegria em 1986. *Informação Arqueológica*. Lisboa. 8, p. 13-15.
- PAÇO, A. (1933) – Note sur les industries paléolithiques et mésolithiques de la province de Minho (Portugal). *Congrès International d'Anthropologie et d'Archéologie Préhistorique (Paris, 1931)*. Actas. Paris: E. Nourry, p. 425-425.
- PAÇO, A. (1938) – Novos concheiros do vale do Tejo. *Brotéria*. Lisboa. 27 (1), p. 66-75.
- PAÇO, A. (1966) – Subsídios para uma nova carta do Páleo e do Mesolítico português. *In Memoriam do Abade Henri Breuil*. 2. Lisboa: Publicações da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, p. 221-244.
- PIKE, A. W., HOFFMANN, D. L., GARCIA-DIEZ, M., PETTITT, P. B., ALCOLEA, J., DE BALBIN, R., GONZÁLEZ-SAINZ, C., DE LAS HERAS, C., LASHERAS, J. A. & MONTES, R. (2012) – U-series dating of Paleolithic art in 11 caves in Spain. *Science*, 336, p. 1409-1413.
- PINTO, R. S. (1928) – O Asturiense em Portugal. *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*. Porto. 4 (1), p. 5-44.
- PINTO, R. S. (1932) – Notas sobre a indústria microlítica do Cabeço da Amoreira (Muge). *XIII Congreso de la Asociacion Española para el Progreso de las Ciencias*. Actas. Madrid. 5 (1), p. 49-54.
- POLONI, R. (2011) – *A ciência vivida: A arqueologia e as Missões Antropológicas do Oficial à Prática, Timor: Missões Científicas e Antropologia Colonial*. Lisboa.
- PRICE, T. D. (2015) – Tracing Past Human Movement: An Example from the Muge Middens. In BICHO, N., DETRY, C., PRICE, T. D., CUNHA, E. (eds.) – *Muge 150th: the 150th Anniversary of the Discovery of Mesolithic Shellmiddens*. Cambridge: Cambridge Scholars Publishing, p. 225-234.

- RAPOSO, L. (1993) – Do Somme ao Tejo: a vida e obra de Henri Breuil e sua contribuição para a Pré-História portuguesa. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série 4, 11/12, p. 223-290.
- RAPOSO, L. (1994) – O sítio de Palheirões do Alegria e a questão do Mirense. In *Arqueología en el entorno del Bajo Guadiana (Huelva, 1994)*. Actas. Huelva: Universidad de Huelva, p. 155-169.
- RAPOSO, L. & BICHO, N. (2013) – Aspectos relevantes do seu ensino no domínio da Pré-história antiga. In CARDOSO, J. L. (ed.) – *Manuel Heleno. Pioneiro do ensino e da investigação arqueológica em Portugal*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia/Imprensa Nacional, p. 41-54.
- RAPOSO, L. & PENALVA, C. (1987) – Uma colecção de artefactos mirenses de Vale da Telha (Aljezur). *Espaço Cultural*. Aljezur. 2, p. 23-50.
- RAPOSO, L. & PENALVA, C. (1993) – Les haches miriennes du Portugal et les houes tensiftiennes du Maroc: quel type de relations? *Mediterrâneo*. Lisboa. 2, p. 123-142.
- RAPOSO, L. & SILVA, A. (1996) – *A linguagem das coisas: ensaios e crónicas de Arqueologia*. Lisboa.
- RAU, V. (1948) – Les recherches et découvertes préhistoriques au Portugal à partir de 1940. *Rivista di Scienze Preistoriche*. Florença. 3 (1/2), p. 58-83.
- RIBEIRO, C. (1873) – Sur des silex taillés, découverts dans les terrains miocène du Portugal, *Congrès International d'Anthropologie et d'Archéologie Préhistoriques, (Bruxelles 1872)*. Actas. Bruxelas: C. Murquardt, p. 95-100.
- RIBEIRO, C. (1884) – Les kioekkenmoddings de la vallée du Tage, *IX Sessão do Congresso Internacional de Antropologia e de Arqueologia Pré-históricas (Lisboa, 1880)*. Actas. Lisboa: Typografia da Academia Real das Sciencias, p. 279-289.
- RIPOLL PERELLÓ, E. (1964-1965) – Solutrense de tipo ibérico en Portugal. *Ampurias*. Barcelona. 26/27, p. 210-213.
- ROCHE, (1951 a) – *L'industrie préhistorique du Cabeço d'Amoreira (Muge)*. Porto: Centro de Estudos de Etnologia Peninsular (Instituto para a Alta Cultura).
- ROCHE, J. (1951 b) – Le niveau paléolithique supérieur de la Grotte de Casa da Moura (Cesareda). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 32, p. 103-122.
- ROCHE, J. (1952) – La station aurignacienne de Rossio do Cabo (Santa Cruz – Estremadura). *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa. Classe de Ciências*. 6 (separata de 4 p.).
- ROCHE, J. (1960 a) – *Le gisement mésolithique de Moita do Sebastião (Muge-Portugal)*. *Archéologie*. Lisboa: Instituto de Alta Cultura.
- ROCHE, J. (1960 b) – L'industrie mésolithique du Cap Sines (Portugal). *VI Congrès International des Sciences Anthropologiques et Ethnologiques*. 2 (1), p. 459-563.
- ROCHE, J. (1971) – Le climat et les faunes du Paléolithique moyen et supérieur de la province d'Estremadura. *2.º Congresso Nacional de Arqueologia (Coimbra, 1970)*. Actas. Coimbra: Ministério da Educação Nacional, 1, p. 39-51.
- ROCHE, J. (1979) – Le Magdalénien portugais. *Colloques internationaux CNRS. N.º 271 – La fin des temps glaciaires en Europe*. Paris: CNRS, 2, p. 753-758.
- ROCHE, J. & FERREIRA, O.V. (1970) – Stratigraphie et faunes des niveaux paléolithiques de la Grotte de Salemas (Ponte de Lousa). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 54, p. 263-269.
- ROCHE, J. & FERREIRA, O. V. (1975) – La station de Penha Verde (Sintra). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 49, p. 253-263.
- ROCHE, J. & TRINDADE, L. (1951) – La station préhistorique de Rossio do Cabo (Santa Cruz – Estremadura). *Boletim da Sociedade Geológica de Portugal*. Porto. 9, p. 219-228.

- ROCHE, J.; FERREIRA, O. V. & FRANÇA, J. Camarate (1961) – Sagaie à base pointue trouvée dans le niveau périgordien de la grotte de Salemas. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 45, p. 207-209.
- ROCHE, J.; FERREIRA, O.V. & ZBYSZEWSKI, G. (1959) – Deux stations préhistoriques des environs de Lisbonne: Vila Pouca et Pinhal de Charneca. *1.º Congresso Nacional de Arqueologia (Lisboa, 1958). Actas e Memórias*. Lisboa: Instituto de Alta Cultura. 1, p. 89-103.
- ROCHE, J.; RIBEIRO, L. & VAULTIER, M. (1968) – L'industrie du gisement d'Evoramonte (Alentejo). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série III, 2, p. 7-13.
- ROLÃO, J. (1999) – *Del Wurm final al Holocénico en el Bajo Valle del Tajo (Complejo Arqueológico Mesolítico de Muge)*. Tese de doutoramento. Salamanca: Universidade de Salamanca.
- ROLÃO, J., JOAQUINITO, A. & GONZAGA, M. (2006) – O complexo mesolítico de Muge: Novos resultados sobre a ocupação do Cabeço da Amoreira, *Do Epipaleolítico ao Calcolítico na Península Ibérica. IV Congresso de Arqueologia Peninsular (Faro, 2004)*. Actas. Faro: Universidade do Algarve, p. 27-42.
- SANTOS, M. F. (1964) – Vestígios de pinturas rupestres descobertas na Gruta do Escoural. *O Arqueólogo Português*, Lisboa. Série 2, 5, 5-47.
- SANTOS, M. F., GOMES, M. V. & MONTEIRO, J. P. (1980) – Descobertas de arte rupestre na gruta do Escoural (Évora, Portugal). *Altamira Symposium*, p. 205-242.
- SILVA, C. T. & SOARES, J. (1981) – *Pré-história da área de Sines*. Lisboa: Gabinete da Área de Sines.
- SOARES, J. & SILVA, C. T. (2004) – Alterações ambientais e povoamento na transição Mesolítico-Neolítico na Costa Sudoeste. In TAVARES, A. A., TAVARES, M. J. F., & CARDOSO, J. L. (eds.) – *Evolução Geoistórica do Litoral Português e Fenómenos Correlativos*. Lisboa: Universidade Aberta, p. 397-423.
- SOARES, J., SILVA, C. & CANILHO, M. (2005-007) – Matérias-primas minerais e mobilidade logística no Mesolítico da Costa Sudoeste. Os sítios de Samouqueira I e Armação Nova. *Musa: museus, arqueologia e outros patrimónios*. Setúbal. 2, p. 47-62.
- STRAUS, L. (1989) – New chronometric dates for the prehistory of Portugal. *Arqueologia*. Porto. 19, p. 73-76.
- STRAUS, L., VIERRA, B. (1989) – Preliminary investigation of the concheiro at Vidigal. *Mesolithic Miscellany*, 10, p. 2-11.
- STRAUS, L., ALTUNA, J., JAKES, M. & KUNST, M. (1988) – New Excavations in Casa da Moura (Serra d'El Rei, Peniche) and at the Abrigos de Bocas (Rio Maior), Portugal in Especial Eduardo Serrão. *Arqueologia*. Porto. 18, p. 65-95.
- TÁTÁ, F., CASCALHEIRA, J., MARREIROS, J., PEREIRA, T. & BICHO, N. (2014) – Shell bead production in the Upper Paleolithic of Vale Boi (SW Portugal): an experimental perspective. *Journal of Archaeological Science*, 42, p. 29-41.
- THACKER, P.T. (1996) – *A Landscape Perspective on Upper Paleolithic Settlement in Portuguese Estremadura*. Tese de doutoramento. Dallas: Southern Methodist University.
- TRIGGER, B. G. (1989) – *A History of Archaeological Thought*. Cambridge: Cambridge University Press.
- UMBELINO, C. (2006) – *Outros sabores do passado: as análises de oligoelementos e de isótopos estáveis na reconstituição da dieta das comunidades humanas do Mesolítico final/Calcolítico do território português*. Tese de doutoramento. Universidade de Coimbra.
- UMBELINO, C., GONÇALVES, C., FIGUEIREDO, O., PEREIRA, T., CASCALHEIRA, J., MARREIROS, J., ÉVORA, M., CUNHA, E. & BICHO, N. (2015) – Life in the Muge Shell Middens: Inferences from the New Skeletons Recovered from Cabeço da Amoreira. In BICHO, N., DETRY, C., PRICE, T. D., CUNHA, E. (eds.) – *Muge 150th: the 150th Anniversary of the Discovery of Mesolithic Shellmiddens*. Cambridge: Cambridge Scholars Publishing, p. 209-224.

- VALLOIS, H. (1930) – Recherches sur les ossements mésolithiques de Muge. *L'Anthropologie*. Paris. 40, p. 337-389.
- VALLOIS, H. (1940) – La population du Portugal à l'époque mésolithique. *Congresso do Mundo Português. 1 – Memórias e comunicações apresentadas ao Congresso de pré e Proto-História (I Congresso)*. Lisboa: Comissão Executiva dos Centenários, p. 607-622.
- VAN DER SCHRIEK, T., PASSMORE, D. G., FRANCO MUGICA, F., STEVENSON, A. C., BOOMER, I. & ROLÃO, J. (2008) – Holocene palaeoecology and floodplain evolution of the Muge tributary, Lower Tagus Basin, Portugal. *Quaternary International*, 189, p. 135-151.
- VAULTIER, M., SANTOS, F. & GLORY, A. (1965) – La grotte ornée d'Escoural (Portugal). *Bulletin de la Société Préhistorique Française*, 62, p. 110-117.
- VIANA, A. (1929) – A Estação Asturiense de Areosa. *Portvcafe*. Porto. 2 (7), p. 24-38 e 2 (8), p. 185-212.
- VIANA, A. (1945) – *Paleolítico algarvio. Breve excursão arqueológica no Algarve* (artigos publicados em “O Algarve”, Faro, 27 de Maio a 8 de Julho de 1945. Faro: Edição do Autor.
- VIANA, A. (1945-1947) – Paleolítico das margens do Guadiana. *Arquivo de Beja*. Beja. 2 (3/4), p. 356-391; 3 (3/4), p. 364-441; 4 (1/2), p. 115-147.
- VIANA, A. (1956) – Asturiense das Astúrias e do litoral minhoto. *Libro Homenaje al Conde de la Vega del Sella*. Oviedo: Diputación Provincial de Asturias, p. 185-198.
- VIANA, A. & ZBYZSEWSKI, G. (1949) – Contribuição para o Estudo do Quaternário do Algarve. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 29, p. 195-250.
- VIANA, A. & ZBYZSEWSKI, G. (1952) – Paleolítico dos arredores de Beja. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 33, p. 99-153.
- VIERRA, B.J. (1995) – *Subsistence and stone tool technology: an Old World perspective*. Tese de Doutoramento. Tempe: Arizona State University.
- ZBYZSEWSKI, G.; FERREIRA, O. V. & PENALVA, C. (1978) – Um acampamento Languedocense com indústria mirensa a Sul de V. N. de Milfontes. A Pedra de D. Rodrigo. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 58, p. 437-448.
- ZBYZSEWSKI, G.; LEITÃO, M. & FERREIRA, O. V. (1999/2000) – Le Paléolithique Supérieur au Portugal. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 8, p. 55-82.
- ZBYZSEWSKI, G.; ROCHE, J.; FRANÇA, J. C. & FERREIRA, O. V. (1961) – Note préliminaire sur les niveaux du Paléolithique supérieur de la grotte de Salemas (Ponte de Lousa). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 45, 197-206.
- ZILHÃO, J. (1984) – O Solutrense superior de fácies cantábrica de Vale Almoinha (Cambelas, Torres Vedras). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV, 4, p. 15-86.
- ZILHÃO, J. (1985) – Néolithique ancien et Paléolithique Supérieur de la gruta do Caldeirão (Tomar, Portugal) – fouilles 1979-1984. *I Reunião do Quaternário Ibérico (Lisboa, 1985)*. Actas. Lisboa: GTPEQ, 2, p. 135-146.
- ZILHÃO, J. (1993) – As origens da arqueologia paleolítica em Portugal e a obra metodologicamente precursora de J. F. Nery Delgado. *Arqueologia e Historia*. Lisboa. Série X, 3, p. 111-125.
- ZILHÃO, J. (1997) – *O Paleolítico Superior da Estremadura portuguesa*. Lisboa: Colibri.
- ZILHÃO, J., CARVALHO, E. & ARAÚJO, A. C. (1986) – A estação epipaleolítica da Ponta da Vigia (Torres Vedras). *Arqueologia*, 16, pp. 8-18.
- ZILHÃO, J., MARKS, A. E., FERRING, C. R., BICHO, N. F. & FIGUEIRAL, I. (1995) – The Upper Paleolithic of the Rio Maior Basin (Portugal). Preliminary results of a 1987-1993 Portuguese-American research project. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto, 35, p. 69-82.

- ZILHÃO, J., ANGELUCCI, D., BADAL, E., LUCENA, A., MARTÍN LERMA, I., MARTÍNEZ, S., VILLAVARDE, V. & ZAPATA, J. (2010 a) – Dos abrigos del Paleolítico superior en Rambla Perea (Mula, Murcia). In MANGADO, X. (ed.) – *El Paleolítico Superior Peninsular. Novedades del Siglo XXI. Homenaje al Profesor Javier Fortea. Monografies SERP*. Barcelona, p. 137-148.
- ZILHÃO, J., DAVIS, S. J. M., DUARTE, C., SOARES, A. M. M., STEIER, P. & WILD, E. (2010 b) – Pego do Diabo (Loures, Portugal): Dating the Emergence of Anatomical Modernity in Westernmost Eurasia. *PLoS One*, 5, e8880.
- ZILHÃO, J., ANESIN, D., AUBRY, T., BADAL, E., CABANES, D., KEHL, M., KLASSEN, N., LUCENA, A., MARTÍN-LERMA, I. & MARTÍNEZ, S. (2017) – Precise dating of the Middle-to-Upper Paleolithic transition in Murcia (Spain) supports late Neandertal persistence in Iberia. *Heliyon*, 3, e00435.